

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E
HUMANIDADES
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO

MULHERES NEGRAS VIAJANTES: PROTAGONISTAS DE SUAS
PRÓPRIAS HISTÓRIAS CONTADAS ATRAVÉS DE PLATAFORMAS
DIGITAIS.

DENISE APARECIDA GENÉSIO

SOROCABA

2023

DENISE APARECIDA GENÉSIO

**MULHERES NEGRAS VIAJANTES: PROTAGONISTAS DE SUAS PRÓPRIAS
HISTÓRIAS CONTADAS ATRAVÉS DE PLATAFORMAS DIGITAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Vanda Aparecida Silva

Sorocaba – SP
2023

Genésio, Denise Aparecida

Mulheres Negras Viajantes: protagonistas de suas próprias histórias contadas através de plataformas digitais / Denise Aparecida Genésio -- 2023. 70f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Vanda Aparecida da Silva
Banca Examinadora: Cesar Alves Ferragi, Cassiana Panissa Gabrielli

Bibliografia

1. Mulheres negras . 2. Viagens. 3.
Turismo. I. Genésio, DeniseAparecida. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de LourdesMariano
CRB/8 6979

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas. A nós. E a cada uma de nós. A quem agregou para que nascesse em mim a coragem de demonstrar um pouco de quem eu sou através destas palavras.

Vó Cida, mulher negra, de garra e de fé, que me ensinou a ter orgulho do preexistir. Mãe, que na sua simplicidade do ser me mostra todos os dias uma nova forma de ser melhor, de não desistir, de resistir!

Tia Felícia, você está no céu, mas olha onde chegamos! Sem saber ler ou escrever, a senhora me ensinou a ler olhares e traduzir corações. Tem sido minha motivação! Obrigada, minha estrela!

Professora Vanda, gratidão pelo tempo, pelo espaço, pela dedicação.

Professor César Zare, era óbvio que estaria nestas páginas também. Obrigada por me ensinar sobre inteligência emocional. Desde aquele dia, eu sou eu! Serei sempre grata!

E a todos os amigos e familiares, incluindo meu irmão João Paulo (que aturou me ouvir lendo e relendo este trabalho trezentas vezes): obrigada por tanto!

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a mim. Afinal, eu consegui!

Aproveito também para agradecer aos professores, mestres e doutores que cruzaram meu caminho durante a Graduação e me ensinaram tanto.

Pai, obrigada! Se não fossem seus esforços para que eu estudasse na melhor quinta série B, acho que essa história não seria escrita de forma tão especial.

Parece besteira, mas agradeço também ao meu cachorro, Famoso, que me acompanha desde que eu morava na República Repiranhas, e esteve deitado no meu pé todos os dias até a conclusão deste trabalho.

E Repiranhas, obrigada, meninas! Por tudo!

A coisa mais importante da vida é entender que
embora tenhamos todo o tempo do mundo,
nada faz sentido se não houver empatia.
Que seja RECÍPROCO!

“Reciprociseja”!

Resumo

Esta pesquisa se concentra em analisar as motivações que impulsionaram mulheres negras a realizarem viagens, bem como assimilar o compartilhamento dessas experiências em suas redes sociais e canais de comunicação online. A metodologia utilizada para coletar dados consistiu em entrevistas realizadas de forma digital, utilizando-se da *netnografia*, permitindo uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, para a análise das informações obtidas. Foram entrevistadas três mulheres negras viajantes, e suas respostas foram analisadas para identificar padrões e tendências relacionadas às suas motivações para viajar. Por meio dessa pesquisa, buscou-se entender melhor as razões por trás das viagens realizadas por mulheres negras e o significado que essas experiências têm em suas vidas. Além disso, foi examinado como elas compartilham essas vivências em suas redes sociais e canais online, contribuindo para a promoção da diversidade no turismo e inspirando outras mulheres negras a explorarem o mundo. O estudo pretendeu fornecer percepções valiosas sobre a participação das mulheres negras no turismo, revelando suas motivações e experiências pessoais. Espera-se que os resultados obtidos possam contribuir para o enriquecimento do conhecimento sobre turismo e incentivar uma maior inclusão e representatividade no setor, bem como abrir novas perspectivas para futuras pesquisas sobre o tema. Portanto, é fundamental que investigações futuras levem em conta essa pluralidade de motivações e experiências, aperfeiçoando o conhecimento sobre o turismo e seu impacto na vida das mulheres. Além disso, é necessário fomentar políticas e práticas que promovam igualdade e justiça social no setor.

Palavras-chave: Mulheres negras. Viagens. Turismo. Empoderamento feminino.

Abstract

This research focuses on analyzing the motivations that drove black women to travel, as well as assimilating the sharing of these experiences in their social networks and online communication channels. The methodology used to collect data consisted of interviews conducted digitally, allowing a qualitative approach to the analysis of the information obtained. Three black women travelers were interviewed, and their responses were compared to identify patterns and trends related to their motivations to travel. Through this research, we seek to better understand the reasons behind the trips undertaken by black women and the meaning that these experiences have in their lives. In addition, it will examine how they share these experiences in their social networks and online channels, contributing to the promotion of diversity in tourism and inspiring other black women to explore the world. The study intends to provide valuable insights into the participation of black women in tourism, revealing their personal motivations and experiences. It is expected that the results obtained may contribute to the enrichment of knowledge about tourism and encourage greater inclusion and representation in the sector, as well as opening new perspectives for future research on the subject. Therefore, it is essential that future investigations take into account this plurality of motivations and experiences, improving knowledge about tourism and its impact on women's lives. In addition, it is necessary to promote policies and practices that promote equality and social justice in the sector.

Keywords: Black women. Trips. Tourism. Female empowerment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	26
Figura 2.....	26
Figura 3.....	32
Figura 4.....	44
Figura 5.....	44
Figura 6.....	52
Figura 7.....	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
3. METODOLOGIA	23
3.1. A PESQUISA: MULHERES NEGRAS QUE VIAJAM.	25
3.1.1. Seleção das mulheres entrevistadas	25
4. ENTREVISTADA 1 - Check in da Joy	25
4.1. ENTREVISTADA 2 - Monique que Disse...	32
4.2. ENTREVISTADA 3 - Viagem Black	44
5. DISCUSSÕES E RESULTADOS	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE A	66
APÊNDICE B	67

1. INTRODUÇÃO

O Turismo, inserido no contexto da globalização e internacionalização, propicia oportunidades de desenvolvimento pessoal por meio de viagens, que viabilizam a descoberta de novos caminhos e experiências. No entanto, frequentemente se associa o Turismo unicamente à interrupção do labor, como se fosse um fenômeno oposto ao trabalho. É comum conceber que, quando não estamos ocupados com nossas atividades profissionais, estamos dedicados ao deleite do lazer ou embarcando em viagens com distintos propósitos, todos eles, sem dúvida, compreendidos no âmbito do Turismo.

Essa prática turística viabiliza enriquecedora troca intercultural, promovendo o contato com diversos povos, idiomas, histórias, matizes e sabores. Tal intercâmbio enriquecedor se dá entre os viajantes, os guias turísticos e as comunidades locais. No intuito de proporcionar experiências autênticas aos variados grupos de turistas, as estratégias de marketing concentram-se na segmentação do mercado, delineando nichos de consumo que consideram as particularidades dos destinos e a personalidade dos viajantes.

Para Banducci e Barreto (2003), são importantes o resgate cultural e a preservação da autenticidade do destino turístico, uma vez que o visitante, ao escolher um destino, tende a considerar características as quais considera verdadeiras e autênticas. Adicionalmente, com base nos olhares de Onfray (2009), deve-se considerar as motivações, desejos, anseios, causas, consequências e sonhos envolvidos durante a viagem, desde sua preparação até sua finalização, no retorno ao local de origem. As viagens demandam motivação, preparo, desejos, sonhos, enfim as viagens contribuem para alguma construção da experiência de viajar; uma forma para pensarmos acerca de representações hegemônicas sobre quem deve e pode viver a experiência da viagem e quem não. Isso vale tanto no conjunto da sociedade como também no campo da ciência.

Neste contexto, ressalta-se a relevância de discorrer sobre como as pessoas negras, que se engajam no turismo, são percebidas e tratadas. Torna-se imperioso analisar a percepção que recai sobre essa parcela da população durante suas viagens, abrangendo questões de representatividade, inclusão e equidade de oportunidades no âmbito do setor turístico.

Desse modo, o Turismo não se circunscreve meramente à pausa laboral, mas abarca uma diversidade de vivências e motivações que podem enriquecer tanto a vida dos viajantes como das comunidades locais. Ao conferirmos valor à autenticidade das experiências turísticas e promovermos uma perspectiva inclusiva e representativa no setor, estaremos contribuindo

para a construção de um turismo mais plural, respeitoso e enriquecedor para todos os envolvidos.

Os corpos negros são frequentemente vistos como destoantes e supostamente não pertencentes aos lugares que ocupam, seja como hóspedes ou anfitriões. Uma mulher negra viajante descreve como sua presença como corpo negro causa incômodo nos outros, já que estão acostumados a vê-la em situação de subalternidade. O racismo é discutido como originado da mentalidade que vê 'eles' como diferentes de 'nós', resultando em hierarquias de poder e dominação. No contexto do turismo, o racismo se manifesta ao julgar que o negro não pertence ao espaço de consumo turístico e é retratado como um trabalhador do turismo, não como alguém que pode usufruir da atividade.

Dentre as formas latentes de discriminação contra o não-branco, talvez seja a negação de seu direito à existência humana – ao ser – a mais constante: é branco o representante da espécie. Por esta sua condição, seus atributos são tidos como universais. A branquidade é a condição normal e neutra da humanidade: os não brancos constituem exceção. (ROSEMBERG, 1979, p.159)

Esta análise evidencia a maneira pela qual a concepção da supremacia branca foi estabelecida ao longo da história como o paradigma preponderante, acarretando na marginalização e depreciamento das identidades e vivências não-brancas. Além disso, a passagem em questão enfatiza a pertinência de inquirir e desconstruir essa errônea percepção de normalidade e imparcialidade, fomentando a compreensão de que a diversidade está intrinsecamente enraizada na natureza humana, demandando o reconhecimento e a reverência de todas as experiências e identidades.

Ao fazer menção a Rosemberg (1979), o autor possivelmente alude a um estudo ou escrito que investigou esse tópico em maior profundidade, sublinhando a complexidade histórica e sociocultural subjacente às questões raciais, ao mesmo tempo que sinaliza a necessidade de uma transformação de perspectiva e postura para fazer frente à discriminação e fomentar a igualdade.

Dessa relação entre negros e turismo, surge uma questão de relevância para a produção acadêmica em Turismo: qual é o lugar ocupado pelas mulheres negras nos estudos sobre o turismo?

Para esta pesquisa foram, então, escolhidas considerando seus perfis, Páginas e Canais em Redes Sociais, três mulheres negras viajantes, protagonistas de suas próprias histórias,

contadas por elas próprias através de seus canais. Realizou-se com estas mulheres, entrevistas com perguntas relacionadas a viagens, Turismo, Lazer, envolvendo protagonismo e empoderamento feminino.

O intuito desta pesquisa foi identificar e entender as motivações, as movimentações e as consequências para mulheres negras viajantes.

1.1 JUSTIFICATIVA

A motivação para a proposição deste tema reside na necessidade de enfatizar a importância e relevância da atuação das mulheres negras no ato de viajar. O objetivo é refletir sobre essa temática por meio da análise do conceito de "empoderamento feminino negro", que é aqui entendido como conceito multidimensional e sistêmico (Cattaneo e Chapman, 2010; Cattaneo e Goodman, 2015; Cyril et al., 2016; Huis et al., 2017), que se refere à maximização das possibilidades de ação sobre a própria vida e a da comunidade, por meio da superação (ou minimização) de barreiras formais e informais, internas e externas (Cornwall, 2016; Berth, 2018; Wallerstein, 2006) aplicado ao contexto do Turismo, buscando compreender a construção do pensamento crítico ao longo da história, especialmente através das narrativas de mulheres negras no cenário contemporâneo.

A pesquisa visa compreender o papel da mulher negra viajante, promovendo reflexões sobre as verdadeiras motivações turísticas das mulheres entrevistadas, considerando que são escassas as fontes acadêmicas sobre o tema. É importante levar em consideração o contexto histórico em que mulheres negras realizavam viagens e passeios, frequentemente acompanhadas por pessoas brancas de classe social elevada, enquanto se encontravam em situação de escravidão. Esse fato torna necessário aprofundar a análise desse tema e suas nuances, que ainda se refletem na sociedade atual.

Este trabalho busca ampliar o leque de fontes de pesquisa e contribuir para incentivar futuras pesquisas relacionadas à relevância dinâmica das mulheres negras viajantes na sociedade, bem como a reflexão sobre o impacto dessas mobilidades na construção de identidade e empoderamento.

Diante disso, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar o papel e a importância das mulheres negras no turismo, destacando suas vivências e contribuições para o empoderamento e afirmação identitária, com a expectativa de oferecer novas perspectivas para futuros estudos nesse campo. Neste sentido, pretendeu-se com esta abordagem considerar

também o contexto abrangente do Empoderamento Feminino Negro. Assim sendo, e para atingir tal meta, a pesquisa se propõe a cumprir os seguintes objetivos específicos:

- Analisar o fluxo turístico das mulheres negras enquanto viajantes;
- Explorar o significado da experiência de viagem para as mulheres negras, buscando compreender suas percepções e vivências

Na sequência apresentarei um breve levantamento acerca do empoderamento feminino para o conhecimento das bases teóricas que dão sustentação para este estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O EMPODERAMENTO FEMININO

Em termos sintáticos, empoderamento é o processo em que um indivíduo ou grupo de indivíduos se torna consciente de suas qualidades, sua capacidade e sua competência, muitas vezes após a conquista de direitos civis, e supera total ou parcialmente sua condição de dependência, marginalização e/ou subjugação em determinado contexto social. (LETRAS, Academia Brasileira de, 2023).

O termo, em si, surgiu na prática, porém passou a ser utilizado na teoria em seguida. A princípio, segundo Aithal (1999), aplicado por ativistas feministas e movimentos de base, e, posteriormente, tornou-se objeto de teorização.

Nos últimos anos, o termo empoderamento vem sendo usado indiscriminadamente, adquirindo novos significados no processo. De fato, tem-se tornado comum, tanto no discurso acadêmico, quanto de órgãos governamentais e não governamentais - ou mesmo no próprio movimento de mulheres - falar-se do empoderamento de mulheres, sobretudo no contexto do discurso sobre gênero e desenvolvimento. (SARDENBERG, 2010, p.2)

Sardenberg (2006) refere-se ao tema com bases puramente feministas, dividindo o entendimento do termo "empoderamento" em duas vertentes. Para órgãos públicos, por exemplo,

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. (SARDENBERG, 2006, p. 2)

O empoderamento é visto como um instrumento crucial para promover o desenvolvimento social, a democracia e combater a pobreza, entre outros objetivos. Sob a perspectiva feminista, representa um processo contínuo de conquista da autonomia e autodeterminação das mulheres, capacitando-as a ter controle sobre suas vidas, tomar decisões que afetam seu destino e ter voz ativa em questões individuais e coletivas. Nesse contexto, o empoderamento feminino é encarado como resistência às estruturas de poder e desigualdades de gênero na sociedade, permitindo que as mulheres se tornem agentes de mudança em suas vidas e comunidades. Trata-se de um processo dinâmico que visa transformar as condições de vida das mulheres, possibilitando-lhes alcançar seu pleno potencial e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Trata-se, para essa categoria, ao mesmo tempo, de um instrumento ou meio, e um fim em si próprio, buscando libertação das amarras da opressão de gênero. Pode-se dizer que há uma busca da desestruturação indireta à ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumir maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”.

Conforme discutido por Vasconcellos (2003), Silva e Martínez (2004) e Cruz (2018), o empoderamento é concebido como um processo multifacetado que abarca dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais. Esse processo visa potencializar o poder e a autonomia tanto individual como coletivamente, especialmente em grupos sociais frequentemente marginalizados, discriminados e subjugados. Ocorrendo em meio a um cenário social em transformação, o empoderamento almeja a promoção da equidade e melhoria da qualidade de vida, por meio de abordagens não convencionais que estimulam o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Trigo (2003) destaca a importância de considerar a ética, as liberdades democráticas e o pluralismo cultural no contexto do empoderamento. Ele argumenta que essa discussão não se aplica a sociedades africanas e a grupos minoritários, como judeus, cristãos e budistas, pois, de

acordo com sua perspectiva, esses grupos estão fora do contexto pós-industrial. Contudo, essa afirmação pode ser questionada, especialmente em sociedades capitalistas, onde estruturas machistas podem estar arraigadas no cotidiano, o que torna evidente a necessidade de inserção e valorização da mulher negra na sociedade.

Para o cenário do Turismo no Brasil, é importante que haja discussões e enfoque no tema. Os avanços têm sido conquistados, contudo, há ainda um longo caminho a percorrer em busca de evolução. É necessário um olhar crítico e não influenciado pelo senso comum, que insiste em afirmar que "lugar de mulher é dentro de casa", ou que enxerga a figura feminina como o sexo frágil, o ser submisso. A força da mulher vai além do que se vê.

Mas antes de tudo: que é uma mulher? “Tota mulier in útero é uma matriz”, diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: “Não são mulheres”, embora tenham um útero como as outras. Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade. (BEAUVOIR, 1980, p.7)

Atualmente, o machismo persiste de forma inquestionável. Suas manifestações são notáveis em simples atitudes e frases de efeito proferidas no cotidiano. Torna-se imprescindível a realização de estudos e pesquisas de campo, com ampla divulgação, visando à desconstrução desse padrão de pensamento e à conversão de atitudes negativas em possíveis mudanças positivas, mesmo diante da complexidade em desvencilhar-se de conceitos e ideias enraizadas ao longo de muitos anos.

O EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO

Nos dias atuais, o conhecimento relacionado ao tema é amplamente disseminado e disponibilizado. As redes sociais têm um papel significativo na promoção de discussões, seja por meio de transmissões ao vivo, postagens ou os conhecidos "textões". No entanto, ao observarmos as palavras eloquentes de Davis (1981), podemos compreender a imensa disparidade que separa a realidade enfrentada por nós, mulheres negras, em relação à experiência da totalidade humana.

Para Davis (1981), mulheres negras historicamente dedicam-se ao trabalho fora de seus lares e, por vezes, longe de suas origens, compreendendo que esse espaço, inteiramente voltado

para o labor, ocupa grande parte de suas vidas. Essa percepção de imposição arrastou-se por décadas, sendo uma cruel herança dos tempos da escravidão.

“A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres eram praticamente anomalias.”
(DAVIS, 1981, p. 18)

Em períodos desafiadores, marcados por questões complexas como o racismo e o machismo, cicatrizes profundas foram geradas e ainda ecoam através das gerações, mesmo para aqueles que não vivenciaram diretamente as crueldades desses tempos. Infelizmente, essa realidade não está distante para muitas mulheres negras, que vivenciam tais situações até os dias de hoje. Por motivos que transcendem suas escolhas pessoais, essas mulheres têm raras chances de vivenciar os benefícios proporcionados pelo Turismo. Ao contrário, com frequência são privadas dessa oportunidade, não por decisão autêntica de sua parte.

O feminismo negro emerge como uma perspectiva crucial no recorte da questão racial. Ribeiro (2019) concebe essa abordagem como a não hierarquização das opressões relacionadas à raça, classe e gênero, o que permite que o empoderamento seja contextualizado dentro do amplo significado da palavra, entrelaçado com o desejo de liberdade impulsionado pelo movimento. Essa visão, conforme enfatizado por Ribeiro, fomenta a criação de novos projetos, paradigmas civilizacionais e concepções de uma sociedade inovadora, emancipada das correntes da desigualdade.

De acordo com Ribeiro (2019), Truth (1851), abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher, já buscava difundir esse tema em debates e discussões desde 1843. No entanto, constatou-se que havia falta de espaço e receptividade para os projetos e trabalhos produzidos por mulheres negras daquela época. Isso realça a importância do feminismo negro como uma via para que vozes historicamente silenciadas possam ser ouvidas, compreendidas e valorizadas na luta pela igualdade e justiça social.

Dentro do contexto da obra de Ribeiro (2019), sobressai-se a corajosa apresentação, realizada por Truth (1851), de uma composição desafiante intitulada "On Woman's Dress Poem"¹. Nesta obra poética, emerge uma abordagem instigante através da qual a artista retrata a burguesia, cuja representação se materializa por meio de mulheres ostentando chapéus adornados com penas de ganso sobre suas cabeças. Esta imagem evocativa é contextualizada

¹ Poema intitulado "On Woman's Dress", Truth, 1851: <https://allpoetry.com/On-Woman's-Dress>

pela convocação por reformas nos direitos das mulheres, uma causa que encontra sua delinearão na notória "Convenção Pelo Sufrágio da Mulher".

Tal ato simbolizou uma interpretação, indiretamente provocada pelas oradoras do evento, de que mulheres de classe social privilegiada seriam as responsáveis pelo sufrágio feminino. Demonstrou-se, assim, que a luta pautada para reformas e melhorias para mulheres em geral se tratava de algo direcionado a mulheres não-pretas, apontando, segundo Ribeiro (2019), Observa-se a possibilidade de que mulheres negras possam ser alvo de uma certa invisibilidade em relação ao racismo contínuo e à falta de interesse na importância dessa questão, mesmo após terem começado a expressar tal comportamento de apagamento em suas escritas.

A pensadora feminista Lélia González (1984), conforme destacado por Ribeiro (2019), concentra suas críticas na hierarquização dos saberes, resultante da classificação racial da população. Essa hierarquização tem como consequência a tendência de considerar uma explicação epistemológica como superior às demais, impondo-a como válida e dominante, o que acaba por impedir o reconhecimento de outras experiências de conhecimento.

González (1984) reconhecia também, segundo Ribeiro (2019), que o feminismo seria base teórica e prática importantes para combater as desigualdades. Não obstante, firmar as bases do feminismo apenas a análises sobre o capitalismo patriarcal não seria suficiente para combater demandas apresentadas por todas as mulheres latino-americanas.

Gonzalez (1984), ofereceu contribuições de notável pertinência à compreensão das disparidades e à luta das mulheres latino-americanas. Reconheceu no feminismo tanto um alicerce teórico quanto um instrumento prático essencial para enfrentar as desigualdades de gênero. Enxergou o feminismo como um arsenal conceitual que permitiria uma análise mais aprofundada das opressões enfrentadas pelas mulheres, capacitando assim sua transformação.

Um ponto central nas reflexões de Gonzalez foi a confluência entre o racismo e o sexismo. Destacou que essas formas de opressão não operam de maneira isolada, mas frequentemente se entrelaçam e se potencializam mutuamente e defendeu, portanto, a abordagem interseccional como imperativo na luta contra essas opressões entrelaçadas.

Além disso, a autora enfatizou a importância de compartilhar experiências semelhantes e estratégias de resistência entre as mulheres. Sublinhou que a solidariedade e a união entre as mulheres desempenham um papel fundamental na superação das opressões e na construção de uma sociedade mais justa.

SORORIDADE x DORORIDADE

Diante de eventos marcados por injustiças cometidas contra a comunidade negra, especialmente em 2020 após o assassinato de Breonna Taylor², houve uma circunstancial ampliação na disseminação do termo sororidade, que, conforme definição da Academia Brasileira de Letras (2020), deriva da junção da palavra de origem latina "soror, oris", com o sentido de irmandade, união, afeto ou amizade entre mulheres.

A terminologia sororidade, mencionada pela primeira vez por Kate Millet em 1970, tem proporcionado espaço e acolhimento para a valorização da força feminina, representando, a meu ver, um momento simbólico significativo, destinado a realçar a importância que foi maquiada e subestimada ao longo dos séculos. Angela Davis destaca, por suas palavras, a conexão da sororidade com a luta pela educação, exemplificando como esse conceito se aproxima das mulheres brancas e negras norte-americanas (Davis, 1981). A questão que surge é: dentro de um conceito que une todas as mulheres, se compreendendo como irmãs, existe espaço físico, psicológico e empático para as mulheres negras?

Quanto ao significado prático, de acordo com Vilma Piedade (2017), a sororidade ancorar e apoiar a dororidade aparenta refletir uma equação simples, embora, na maioria das situações, não funcione dessa forma. Surgiu, então, a necessidade de conceituar a dor das mulheres negras, excluídas da promoção da sororidade. Em termos conceituais e etimológicos, "sororidade" deriva de "sóror - irmãs", enquanto "dororidade" tem origem em "Dor", palavra que denota sofrimento.

A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir desta percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor - mas neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor. (PIEIDADE, 2017, p. 6).

Piedade, (2017), desenvolve, esclarece e ilustra a importância da percepção das dores de um grupo que permanece invisibilizado. Um povo sem espaço, sem voz, sem oportunidades

² What to know about Breonna Taylor's death, 2020: <https://www.nytimes.com/article/breonna-taylor-police.html>

e, tristemente, frequentemente privado prematuramente de suas vidas. Essas dores podem estar enraizadas em fatores históricos ou em olhares dilacerantes, e, de acordo com Piedade (2017), não se enquadram no espaço da sororidade criada para apoiar a irmandade entre "todas" nós.

Caroline Souza (2021) cita em seu trabalho de conclusão de curso que, diante de observações propostas pela mídia, é inevitável identificar a força imposta na movimentação referente à sociabilidade de mulheres viajantes.

"Isso impele à informação de um certo tipo de "aliança entre mulheres viajantes" que as impulsionam em múltiplas formas de mobilidade contemporânea, seja ela real ou projetada, mesmo num cenário pandêmico como o que estamos vivendo." (SOUZA, 2021, p. 61).

Nota-se a importância prescrita na aplicação do conceito de "sororidade" na prática. A união de mulheres, com um propósito comum, segue focada em ampliar homogeneamente o foco em suas necessidades de viagem, as quais, para Souza (2021), seguem, ainda, invisibilizadas pelo turismo "padrão", proveniente de entidades públicas ou privadas.

Passabilidade, um conceito aplicado a minorias.

O conceito de passabilidade, explorado por Tiago Duque, em 2020, engloba e esclarece a invisibilidade enfrentada por pessoas transexuais sob a perspectiva da sociedade em geral. Essa conceituação tem como propósito destacar como indivíduos considerados dentro do padrão social têm a capacidade de se passar por membros de minorias sem sequer reconhecê-las como seres humanos.

Além disso, como citado por Duque (2020), em notas analíticas sobre a invisibilidade de pessoas trans, em seu artigo, na nota de número oito, reflete sobre a importância e a pertinência desse tema, o qual também abrange questões de colorismo (DEVULSKY, 2021) e alcança todas as minorias, incluindo mulheres negras, que, apesar de constituírem uma maioria, ainda são sistematicamente subjugadas e minorizadas no contexto brasileiro.

"A *passabilidade* parece-me um tema oportuno para, conforme a autora [CARDOSO, 1986] indica, nós pesquisadoras / es investirmos na análise do nosso próprio modo de analisar, sejamos trans ou não." (DUQUE, 2020, p. 43).

Entende-se, para além do que se possa explicar e buscar formas de visibilizar minorias consideradas invisíveis, que ao incentivarmos uns aos outros, há maiores possibilidades de chegar a lugares inimagináveis por conta própria, uma vez que pequenas minorias agrupadas por propósitos em comum, tendem-se a, ainda que em pequena escala, gerar um fator motivador em comum no intuito de gerar busca a resolução de questões apresentadas. Pois,

"A racialização das corporalidades nos alerta para a delimitação estrita das experiências de *passabilidade* no eixo unitário de relações de gênero, demandando uma contextualização capaz de complexificar a análise diante do entrecruzamento de diversos eixos de diferenciação nos regimes de leitura social." (PONTES e SILVA, 2017, p. 408).

A afirmação de Júlia de Pontes e Cristiane da Silva (2017) possibilita um questionamento real no que se refere ao colorismo. A diversidade de tons entre as classificações da negritude permite implicação na diferenciação da percepção de pessoas negras na sociedade. Diferentes tons, diferentes nuances, ou, simplesmente, diferentes perspectivas, desafortunadamente, imperam sobre o discernimento do que se é, ou do que se aparenta ser, fenotipicamente. Nestes termos, é importante questionarmos se, e conforme o contexto histórico, a *passabilidade* sob uma inspiração também interseccional (DUQUE, 2020), possibilitará às mulheres negras deslocar-se pelos mais diversos espaços ou não?

MOBILIDADE

John Urry (2007) oferece uma análise abrangente sobre a mobilidade humana na contemporaneidade. Seu trabalho enfatiza diversos aspectos relevantes, sendo primeiramente, a dimensão global da mobilidade, realçando como as pessoas estão atravessando fronteiras geográficas em uma escala mundial. Em seguida, ele aborda a diversidade dos sistemas de mobilidade em operação atualmente, englobando uma ampla gama de modos de transporte, desde veículos individuais até sistemas de transporte público.

[...] a escala do movimento ao redor do mundo; a diversidade dos sistemas de mobilidade agora em jogo; o significado especial da expansão do sistema automobilístico e de seus imponentes riscos; as interligações elaboradas entre os deslocamentos espaciais e as comunicações; o desenvolvimento dos domínios de mobilidade que ignoram as fronteiras nacionais; a relevância do movimento para a governabilidade contemporânea e uma importância crescente das múltiplas mobilidades para a vida social e emocional das pessoas (URRY, 2007, p. 195).

O autor observa as complexas interações entre o deslocamento físico e as comunicações, enfatizando como os avanços tecnológicos têm promovido uma maior interligação entre esses domínios distintos.

A capacidade de transcender fronteiras nacionais também é discutida por Urry (2007), que menciona o desenvolvimento de formas de mobilidade que vão além das limitações geográficas. Isso aponta para uma crescente superação das barreiras territoriais em relação aos movimentos humanos.

A relevância da mobilidade para a governança contemporânea também é abordada, com Urry (2007) indicando que os padrões de movimento das pessoas têm implicações importantes na forma como as sociedades são gerenciadas e controladas.

Por fim, o autor sublinha o crescente impacto das diversas formas de mobilidade na vida social e emocional das pessoas, sugerindo que as maneiras como as pessoas se movem afetam diretamente suas experiências e relações cotidianas.

No Turismo, não existe forma de desassociar o conceito de Mobilidade do significado de viagem. É como se caminhassem juntos, numa perfeita sincronia, já que o ato de viajar resume-se, literalmente, ao ato de mover-se de um lugar a outro.

"A mobilidade humana é um objeto estudado em diversas disciplinas, tais como: a Antropologia, a Psicologia Social, a Geografia, a Demografia, as Ciências Sociais, a Economia, a Comunicação Social e até mesmo a Engenharia, entre outras." (MOURA, 2018, p. 23)

Segundo Moura (2018), é possível criar-se uma analogia entre o conceito de mobilidade social diante das Ciências Sociais, que relacionam o termo com desigualdade, poder e hierarquia social, e a Geografia, que faz relações com território, escalas e fronteiras.

Já para o Turismo, entende-se que o paradoxo se torna real, uma vez que une o significado do termo para os estudos de Ciências Sociais ao significado do conceito para a Geografia: o ser social que se move para, ou entre, espaços, territórios e fronteiras.

Em suma, caracterizar a mobilidade dentro do espectro turístico torna-se uma via de mão dupla social, uma vez que para praticar turismo é necessário mover-se, mas nem todo movimento ligado ao turismo é considerado, em teoria, atividade turística.

3. METODOLOGIA

Para o presente trabalho, utilizou-se a metodologia de pesquisa qualitativa, que segundo Martins (2004, p. 293) o ponto principal a ser enfatizado é que com esse tipo específico de metodologia, a pesquisa depende da competência teórica e metodológica do cientista social. Além de tratar-se de um trabalho que só pode ser realizado com o uso da intuição, da imaginação e da experiência do sociólogo. Portanto, entende-se ser uma metodologia que engloba a subjetividade como porto seguro para a base da pesquisa. Embora traga consigo o subjetivo, não inviabiliza o resultado conclusivo, uma vez que permite que sejam contadas experiências de maneira íntegra, respeitando o que foi experienciado pelo entrevistado.

A escolha da metodologia qualitativa para este estudo é justificada devido ao seu foco nas experiências pessoais e individuais de três mulheres negras viajantes. É apropriada porque concentra-se em compreender profundamente as motivações, complexidades e nuances das viagens dessas mulheres, permitindo uma análise rica das histórias de vida, percepções, emoções e contextos. Ela também é adequada para explorar microprocessos sociais e dinâmicas individuais e grupais, essenciais para investigar essas experiências diversas e desafiadoras. Além disso, os métodos qualitativos possibilitam um exame detalhado dos dados, reconhecendo que as experiências das mulheres negras viajantes não podem ser reduzidas a números ou categorias fixas, e permitem a contextualização dentro de seus ambientes sociais, históricos e culturais. Portanto, é uma abordagem apropriada para uma compreensão aprofundada e contextualizada do papel do turismo na vida dessas três mulheres.

É preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador (MARTINS 2004, p.292).

Engloba-se, também, como processo metodológico, a etnografia virtual (VERGARA, 2002), ou *netnografia*, cujo foco permeia-se na realização da pesquisa através de redes sociais e meios proporcionados exclusivamente pela internet, uma vez que "a internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação" que busquem identificar dores e solucioná-las. Nesta direção, a pesquisa foi se desenhando com uma característica constitutiva dos métodos qualitativos que é a flexibilidade (MARTINS, 2004), empregando assim a técnica de entrevista com a internet.

Conforme afirma Contandriopoulos:

[...] toda questão de pesquisa define um universo de objeto aos quais os resultados do estudo deverão ser aplicáveis. A população alvo é composta de elementos distintos possuindo um certo número de características comuns. Quando a população alvo é grande demais para ser usada integralmente, é necessário escolher uma amostra (1994, p.57).

Tempos modernos implicam inúmeras mudanças. Dentre muitas delas, a utilização em massa de plataformas digitais no intuito de compartilhar experiências e acontecimentos diários faz-se crescente e presente em nossos dias.

Oliveira (2022), ao citar Kozinetz (2014), explica que é possível, através da *netnografia*, avaliar e estudar movimentações virtuais por meio de redes sociais e plataformas *online*, uma vez que, tal como diz Recuero et al. (2018), assim nasce e desenvolve-se uma forma dinâmica de estudo, baseado em fenômenos comunicativos, sociais e discursivos.

Exemplos como os estabelecidos pelas entrevistadas para compartilhar suas experiências com seus seguidores, como *Instagram e YouTube*, estão entre os mais conhecidos, assim como a rede social *Facebook*. Contudo, meios de comunicação online, como *Zoom*, *Google Meet* ou *Skype*, também resultam interessantes quando o intuito se enfoca na coparticipação de fatos, reuniões ou conversas a serem realizadas por um grupo de pessoas com interesses em comum.

As entrevistas se deram nos dias vinte de fevereiro, vinte e quatro de fevereiro e quatro de março, do ano de dois mil e vinte e dois. Foram feitas às três entrevistadas dezenove perguntas, em entrevistas que duraram, em média, quarenta e cinco minutos. Vale, ainda, ressaltar que a pesquisa foi realizada durante o período de pandemia da COVID-19, motivo pelo qual optou-se pela utilização de meios alternativos de entrevista, como, neste caso específico, a plataforma *Zoom*. Como fonte de pesquisa bibliográfica, optou-se pela utilização de obras de autores e autoras que enfocam seus estudos em temas relacionados ao objeto de pesquisa proposto. São exemplos a serem citados: Angela Davis, Vilma Piedade, Joice dos Santos, Natália Coimbra de Sá, Caroline Souza, entre outros.

3.1. A PESQUISA: MULHERES NEGRAS QUE VIAJAM.

3.1.1. Seleção das mulheres entrevistadas

Inicialmente, foram selecionadas três mulheres consideradas viajantes com perfis ativos nas redes sociais, cada qual com sua singularidade, e diferenciadas por região de residência e especificidades relacionadas a geração.

Deu-se, a partir das motivações previamente citadas, início a pesquisas através de dois canais de comunicação amplamente divulgados atualmente: *Instagram* e *YouTube*. Optou-se por considerar, como critério de seleção, mulheres negras criadoras de conteúdo para redes sociais, que focaram seus canais de comunicação em temas voltados a Turismo, como, experiências gastronômicas, experiências de viagem, relatos de viagem, entre outros. O primeiro contato com as três entrevistadas, ocorreu por meio de mensagens trocadas por e-mail ou mensagens privadas, pelo Instagram.

Para a definição das entrevistadas, houve dificuldade em estabelecer contato com um número vasto de possíveis entrevistadas, fato este identificado devido a pandemia da COVID-19. Resultou, portanto, a possibilidade de identificar e avaliar as histórias contadas por três mulheres negras viajantes.

As conversas foram realizadas por meio digital, através da plataforma *Zoom*, previamente agendadas.

Foi aplicado um questionário, com vinte perguntas, baseadas em leituras realizadas previamente e questionamentos encontrados durante tais leituras, bem como vivências e observações próprias.

4. ENTREVISTADA 1 - Check in da Joy

A primeira entrevistada foi Jocilane, de 30 anos, residente em Brasília, Distrito Federal, e criadora do perfil de Instagram “Check-in da Joy”, com 414 seguidores, voltado a experiências gastronômicas durante suas viagens. Jocilane compartilha suas experiências de viagem através da postagem de fotografias autorais, que mostram os locais visitados e dicas referentes a opções apresentadas no cardápio dos estabelecimentos em questão.

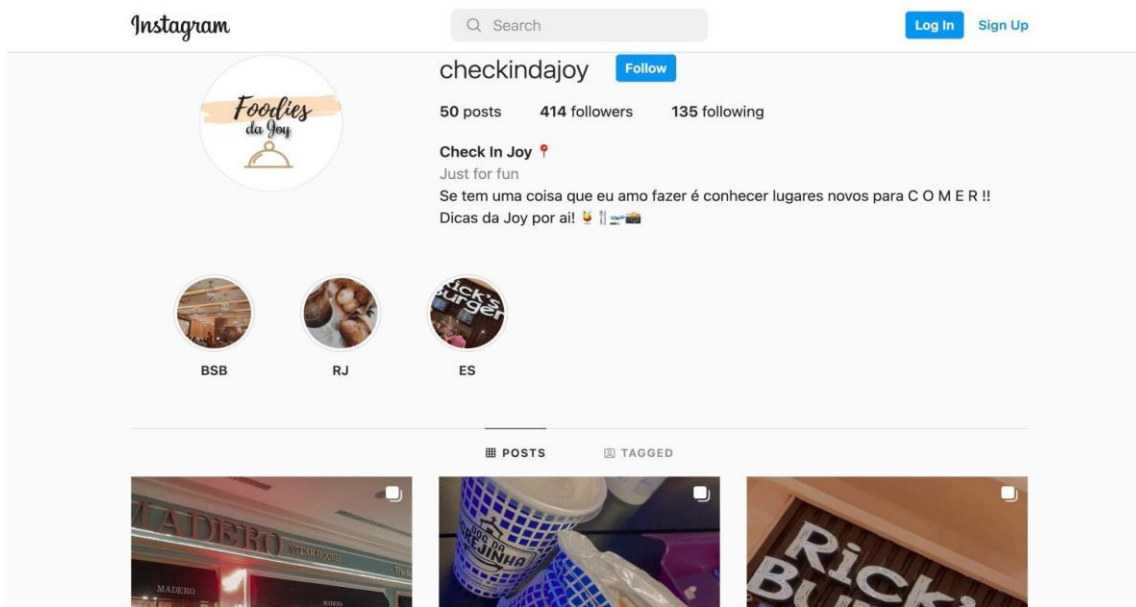


Figura 1: www.instagram.com/checkindajoy

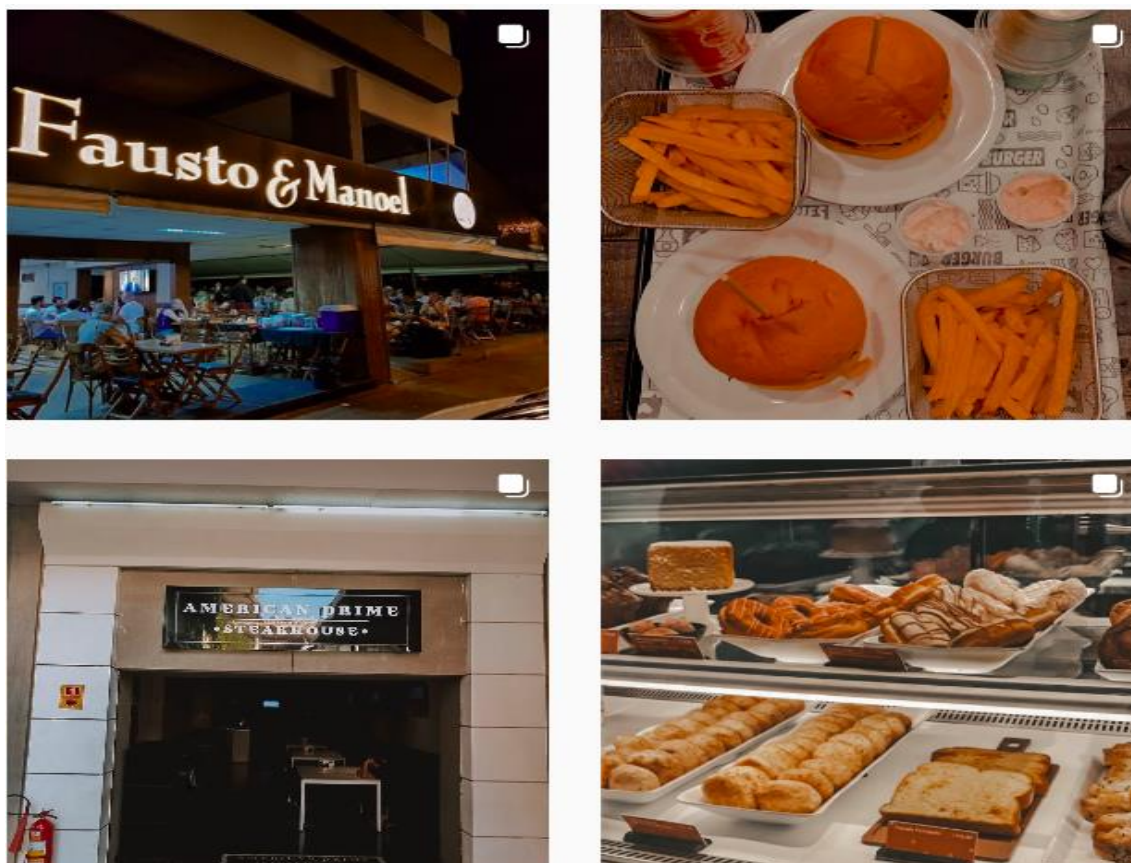


Figura 2: www.instagram.com/checkindajoy

A entrevistada viaja sozinha frequentemente, considera-se bem articulada ao realizar suas viagens e conta suas experiências ao realizar viagens ao México e ao Rio de Janeiro.

Quais os motivos que te levam a viajar (sozinha), e você viaja frequentemente?

Ela começa a conversa sorridente, e relembrando suas motivações ao viajar sozinha, diz que as razões pelas quais viaja englobam o autoconhecimento, crescimento em alguns aspectos de sua vida pessoal como criar responsabilidades, descansar a mente e, de certa forma, fugir da rotina, que considera exaustiva e repetitiva.

Considera-se viajante frequente, e revela que costuma viajar sozinha sempre que possível.

Ao escolher o destino, o que você leva em consideração?

Considera a variedade de locais a serem visitados, por ser acostumada a viajar para lugares que tenham pontos turísticos culturais. Tem preferência por realizar visitas em museus, parques, e realizar visitas que proporcionem a possibilidade de explorar o ponto turístico em questão.

Cite as maiores facilidades e maiores dificuldades encontradas ao montar o seu roteiro de viagem.

Ela cita a localidade, e explica que entende como dificuldade encontrar um lugar em que a localização facilite a locomoção pelo destino, uma vez que, por viajar sozinha, espera não se sentir insegura ao escolher um meio de hospedagem distante de sua zona de interesse turístico.

E quais são as suas fontes de busca de informação?

Conta que, como facilitador, realiza suas buscas através da internet, abre mapas pelo Google Earth, utiliza os aplicativos de transporte, como Waze, para verificar informações como distância de um ponto a outro e tempo de deslocamento, e, dessa forma, sente-se segura para criar seus roteiros.

Como dificuldade, para montar o roteiro, lembra, também, que a perda de tempo durante espera entre conexões, por exemplo, tende a atrapalhar compromissos previamente agendados, e lembra a importância em atentar-se a tal informação ao montar um roteiro por conta própria, já que considera-se metódica com cumprimento de horários, e dá preferência a voos que permitam chegar a tempo de aproveitar o dia no destino final.

Você consome produtos e serviços de residentes locais enquanto viaja?

Primeiramente não entende a pergunta e pede, indiretamente, que eu a reformule. *Eu, prontamente, explico que me refiro a consumo de produtos e serviços feitos e oferecidos por pessoas que, claramente, moram naquele local.* Ela, então, informa que sim. Diz que faz questão de procurar feiras de artesanato locais e que realmente considera que se envolve com o local visitado.

Conta que costuma consumir comidas típicas dos locais por onde passa e, ao escolher algum tipo de lembrança material, opta por adquiri-la de um residente que trabalhe com artesanato e culinária locais, já que tem apreço por, como a mesma classifica a autenticidade: “coisas personalizadas”, que tem um grande significado. Dessa forma, ao presentear alguém com tal objeto, acredita que aquele recebeu o presente se sente lembrado, da mesma forma que auxilia na movimentação da economia do local visitado.

Como você se comunica com os locais em suas viagens? E como sente que é recebida por eles?

Admite que consegue se comunicar muito bem, já que fala espanhol fluentemente, então alguns países por onde passa, consegue se comunicar e abertamente. Completa dizendo que vê a comunicação como a maior ferramenta para que seja possível movimentar-se dentro de um país e fazer-se entender diante de um residente local.

Diz perceber que, às vezes, há locais onde as pessoas a recebem tão bem, que permanecem ali, de prontidão, caso precise de algo. Como comprovação de sua percepção, conta um episódio em que já chegou a uma esquina e precisou perguntar a alguém "aonde chegava em tal lugar “. Ensinaram-na bem, demonstrando afeto ao exemplificar, de forma detalhada, a maneira como poderia se locomover.

Logo, com relação aos lugares por onde passou, não teve dificuldade, além de não sentir que alguém a tenha tratado de forma indiferente.

E para onde você viajou e o que mais chamou atenção no local escolhido? Ou locais, no caso?

Começa a resposta optando por escolher dois destinos que a marcaram: "eu acho que vou tirar aí por base uma cidade, e um país, né?"

O Rio de Janeiro, por exemplo, que chamou sua atenção devido às praias, que considera extremamente bonitas; e o México, país que se encanta por considerar “completo” em termos

de estrutura do país, gastronomia, e idioma, que lhe é familiar. E comenta, também, sobre as pessoas serem receptivas e calorosas por lá.

As expectativas foram supridas quando comparadas ao que você esperava e ao que encontrou?

Responde que sim, e explica que o motivo está relacionado ao fato de chegar, planejar e quando se percebe no local, encontrar tudo o que havia pensado, de fato.

E quanto tempo você demorou para escolher o destino e decidir o roteiro?

Ela diz que no caso das viagens ao Rio de Janeiro e ao México, geralmente quando se escolhe o destino, montar o roteiro não se torna muito difícil, uma vez que são locais, segundo suas experiências, de fácil deslocamento e com pontos turísticos conhecidos. Então, para montar um roteiro quando se tem principalmente pontos turísticos próximos uns aos outros, diz considerar o ganho de tempo. Cita como exemplo o Rio de Janeiro, que sabe que "ali tem Copacabana. Passa Copacabana, vem Ipanema, depois de Ipanema vem Leblon, ali você monta um roteiro em questão de meia hora". Já com relação ao México, diz que também,

"Por exemplo você fica em Reforma (bairro central na Cidade do México), ali perto você tem os Zócalo, a quinze minutos você tem o Paseo de Chapultepec, aí depois virando você já tem o Monumento a la Revolución, então tudo ali é muito perto".

Completa dizendo que quanto a localização, é possível montar um roteiro em tempo hábil, considerando a parte fácil destas viagens.

Você utiliza os serviços das agências de viagens?

Diz que, geralmente, não. Entretanto, revela que usou os serviços em uma única ocasião, por ser a primeira vez que estava entrando em um país diferente. Então, sentiu que precisava ter uma noção mais ampla sobre onde chegar, como chegaria ao aeroporto, como chamaria um táxi.

Por estes motivos, nesta ocasião, decidiu que seria melhor ir a uma agência, contando que teria um carro que a levaria aos melhores lugares, uma van que a levaria até o hotel. Dessa forma, considera que tudo ficaria mais fácil para ela. Porém, reitera que foi a primeira e única vez, e que prefere, sempre, planejar e executar suas próprias viagens por conta própria.

Você se sente segura ao percorrer o caminho entre o local de partida e o destino?

Diz que às vezes se sente segura, mas às vezes não. *Por quê?* Responde que depende do horário que chega ao destino final, e a forma como vai conseguir o meio de transporte para chegar ao local.

Sente que essa diferença é por você ser mulher ou não ter nenhuma influência?

Contesta que sim, e que com essa insegurança que nos rodeia, acredita que "é mais essa influência de ser mulher, né?". Considera que pode se tornar muito exposta, ainda mais quando se está viajando como uma mulher sozinha. Completa dizendo que, seja *numa* cidade que não é dela, ou em um país em que se é *gringa*, sente certa insegurança e que "literalmente você já entra ali como uma gringa."

Qual foi o maior desafio que você encontrou durante toda a viagem?

Pensa por alguns segundos e responde que acredita que um desafio foi o clima, principalmente, ao citar a Cidade do México, por ser um local muito alto (altitude de 2.240 m) e seco. Diz que, realmente, ao chegar, sente-se a diferença do ar, e aos dois dias de viagem, sua pele já está descascando, seu nariz sangrando. Cita a questão da comida também, "não vou negar que eu pensava: 'a comida vai ser de um jeito' e quando cheguei lá, era de outro'."

Lembra que na sua primeira viagem ao México, não comia um *taco* sequer, vivia de *fast-food*. No começo, então, não comia nenhuma comida típica por falta de costume, mas revela que, depois de um tempo, foi se acostumando, e que hoje em dia come a comida típica mais vezes do que comeria *fast-food* em viagens anteriores.

Você realiza viagens nos momentos de lazer e férias ou possui um calendário flexível?

Diz que tornou-se mais flexível, e que sempre está viajando, mesmo quando não está de férias. Confessa que ama fazer "*bate e volta*", mesmo que sozinha, ou às vezes acompanhada também. "*É aquele negócio: vi uma pontinha de feriado, estou caindo nele*".

Sentiu medo em algum momento?

Revela que sim. E lembra a exposição que citou em uma das perguntas anteriores, por estar sozinha, desacompanhada às vezes sente que quando vai pegar o *Uber*, se sente insegura. Conta que às vezes já deixou de ir a algum lugar, muito tarde, por questões de locomoção, principalmente no México.

Conseguiu aproveitar a cultura e gastronomia do local? O que mais gostou e o que menos gostou?

Diz que conseguiu "muito muito muito" e que gostou bastante da comida. Há diferenças de sabor, ainda se tratando de comidas típicas, já que diz que em alguns lugares, a comida tem mais tempero, e outros não tem tanto. Diz, também, que se lembra de alguns *certos* pratos que não gostou, mas em geral a comida é muito boa.

E como você lidou com as diferenças culturais?

Revela que foi um pouquinho difícil, porque às vezes se interpreta as coisas de uma forma, e dentro do país é outra. Explica que às vezes até a expressão facial que você faz dentro daquele país pode parecer um insulto, mas deve-se considerar e respeitar que possa fazer parte da cultura deles, então devemos nos adaptar. Dá como exemplo um *look* diferente, e considera que "se a pessoa te olha de um jeito, e você rebate com outra expressão facial, aquilo ali é como uma ofensa". Logo, diz ser de extrema importância saber relevar.

Você sente que você foi influenciada pelo local? Por quê?

Responde que sim, foi muito influenciada, e que às vezes volta da viagem com o pensamento de querer se mudar para o local visitado. Sente uma sensação de pertencimento, e imagina que de tanto se sentir parte do local, brinca sobre a possibilidade de tentar trocar até sua cidadania.

Você pretende realizar outras viagens sozinha?

Revela que sim, que sempre está viajando sozinha e pretende, sim, viajar sozinha para outros destinos. Tem em mente vários outros lugares para visitar, e conta que sua escolha tende a ser para lugares onde consegue manter um diálogo.

Como foi a volta pra casa?

Conta que a volta para casa sempre é a melhor parte, e, ao mesmo tempo, a pior. A melhor parte é porque a volta é rica de conhecimento, rica de aprendizado, de muitas coisas. E a parte ruim é voltar para a realidade, porque viajar é muito bom e voltar para a rotina é um pouco cansativo. Mas, diz que só pelo prazer de ter ido, conhecido o local e vivido experiências que sabe que não vive no seu país, é outra coisa.

E por que você sentiu a necessidade em compartilhar essa experiência nas redes sociais?

Sente a necessidade de compartilhar porque diz que, às vezes, as pessoas não têm ideia do que aquele lugar pode oferecer a ela. No seu caso, tem um Instagram de lugares onde visita, relacionados à gastronomia. Cada lugar que viaja e explora, por exemplo uma hamburgueria ou restaurante. Às vezes a pessoa sabe que naquele país tem um certo restaurante, como no México, que descobriu que tem um restaurante brasileiro, e que quase ninguém conhece porque abriu recentemente. Então ela vai àquele lugar, mostra os valores e o que tem para comer. Foca nessa necessidade de mostrar para as pessoas o que o local tem a oferecer.

Você conheceu ou conhece outras mulheres negras que também viajam sozinhas?

Diz que conhece, que tem várias amigas que viajam e, inclusive, tem uma amiga que mora no Rio de Janeiro e vive viajando sozinha também. Chega nos locais, ela é bem mais dinâmica também, e não tem esse problema de ficar em hotel, em *hostel*. Ela é aberta a várias possibilidades.

4.1. ENTREVISTADA 2 - Monique que Disse...

A segunda entrevistada foi Monique, de 40 anos, residente em Vinhedo, interior de São Paulo, jornalista e criadora do canal “Monique que disse”, que possui 4,4 mil inscritos, onde conta suas experiências em viagens internacionais.

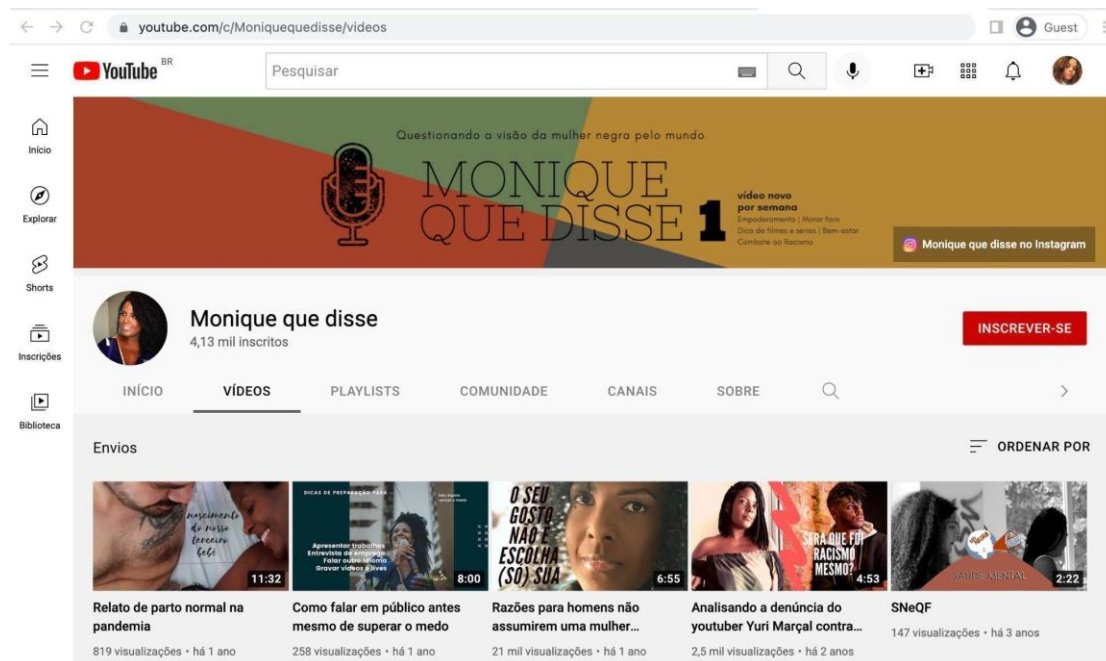


Figura 3: www.youtube.com/moniquequedissee/videos

Monique é jornalista, palestrante, mãe de três filhos, e mulher negra viajante que conta sobre suas experiências em seu canal de YouTube adotando um viés jornalístico e interpessoal.

A primeira pergunta é: quais os motivos que te levam a viajar sozinha, e se você viaja frequentemente?

Diz que não tem viajado muito sozinha, desde que se tornou mãe de pelo menos dois, e agora que tem três filhos. Lembra que viajou sozinha uma única vez. Curiosamente, para fazer uma formação de mulheres negras em Belo Horizonte. Então, conta que foi uma sensação muito curiosa, porque diz que estava casada, com duas crianças, e era uma situação completamente nova para ela. Era a mulher mais velha da turma, e acredita que era a única casada e a única com filhos também.

Lembra que perceber-se numa sala só com mulheres negras foi algo que descreve como "maravilhoso!". E cita algumas das meninas que estavam lá: "a G. E., que é uma mulher negra, transexual, pesquisadora, maravilhosa; A *Negata* que se chama M. também, e foi lá que a conheceu; a N. B., que foi *verificada* agora, ela já era verificada no Twitter e agora foi no Instagram, e trabalha no *Interception*, com jornalismo. É uma mulher negra também; a I., que é uma mulher negra e cantora do Rio de Janeiro, a M. que também produz conteúdo e é de Salvador." Lembra que foi muito rico, muito maravilhoso. E se sentiu, de novo, um pouco adolescente e transgressora.

Conta que a viagem era por um edital, que foi uma das selecionadas, e que pagaram a passagem aérea e a hospedagem. Lembra de estar indo para o avião, pensando "gente olha que coisa mais chique", e brinca dizendo que em sua casa, um monte de crianças a esperavam, e ela ali, viajando. "Foi muito bacana", revela.

Com relação às motivações para viajar sozinha, conta que sempre teve muitos amigos, mas sempre se sentiu muito solitária. Ponto um. Ponto dois: sempre teve uma sensação de inadequação, de não pertencer, de questionar a sua presença. "Será que eu sou bem-vinda?". Então, quando viaja sozinha, mesmo que não tenha sido tantas vezes, muito embora elas tenham sido bem simbólicas, sente ser uma forma de desapegar de tudo isso. "De tirar a expectativa de: será que eu vou agradar? Será que vai ser legal? Será que eu sou uma boa companhia?". Simplesmente, vai.

Lembra que a primeira vez que viajou sozinha, devia ter seus dezessete ou dezoito anos, ainda morava com os pais e eles tinham um apartamento na praia, e aí falou "ah vou *pra* lá, vou pra rodoviária, pego um ônibus, passo quatro ou cinco dias no apartamento, vou *pra* praia" e confessa que sim, foi uma experiência ótima. Mas, apesar disso, conta que ficou absolutamente sozinha, e sentiu-se muito deslocada.

Sentava-se na praia, esperando passar o tempo suficiente para que estivesse bom, e pensasse: "eu fui à praia sozinha". E aí, voltava ao apartamento, ficava ali e sentia que não soube aproveitar, mas ao mesmo tempo, eram outros tempos. Não pensou, naquela época, que poderia ter um bom livro que pudesse ler, ou todos os filmes que pudesse assistir. O acesso à internet não era como é hoje para dizer que poderia ter ficado *maratonando* seriados de TV, mas ainda assim, conta que foi "muito bacana". Simplesmente porque nunca teve problema em estar diante de sua própria companhia.

De repente, se lembra de que gosta muito de ir ao cinema sozinha, ao teatro sozinha, almoçar sozinha, ir a restaurantes, enfim. Estar sozinha. Então, também é uma prova para sua ansiedade. Considera-se extremamente ansiosa, e tem questões de "sociofobia", de se sentir um pouco vigiada em lugares com muita gente, mas diz que faz parte da rotina.

Ao escolher um destino de viagem, o que você leva em consideração?

Conta que, como as viagens que fez, de maneira geral, nunca foram "a passeio", não tinha um propósito de férias, então era um pouquinho mais rigorosa. A primeira viagem internacional que fez, e uma das maiores, foi quando, assim que se formou, foi ao Canadá. Então a lógica foi: queria um lugar para aprender inglês, que não fosse tão caro quanto Inglaterra (que estava muito na moda ir a Londres, mas inacessível) e não fosse tão difícil de chegar, como nos Estados Unidos, que diz que tinha todo aquele processo do visto. Então, conta que o Canadá ganhou.

Relembra que fez pesquisa, conseguiu negociar com seu chefe que pudesse ser desligada da empresa para receber o FGTS, enfim, e com isso viajar. Então não foi uma viagem simples, porque fala que no primeiro fim de semana que esteve em Toronto, já começou a trabalhar muito. Com tudo o que se pode imaginar. Teve uns quinze empregos para se manter, porque não era *aquele esquema* de alguém arcar com os custos. Era ela, pagando cada dinheirinho e centavinho, como a mesma contou. Mas lembra ter sido fantástico. Fez amizades que mantém até hoje.

O que te chamou mais atenção no lugar escolhido? Por exemplo, o Canadá que você viajou sozinha quando era mais nova?

Lembra duas coisas que chamaram sua atenção: primeiro que o Canadá é um lugar muito multicultural e ela não sabia disso. Via a motorista de ônibus com turbante, via pessoas atendendo o supermercado de uma determinada religião, de uma determinada região do mundo, muitas diferenças culturais envolvidas e vivendo em harmonia. Então, não tinha aquela sensação, do tipo "aí será que vão me achar ruim? Eu vou sofrer preconceito porque tinha de tudo. Óbvio que tinha de tudo, incluindo preconceito, mas não era uma questão de eu parecer muito diferente de qualquer outra pessoa".

E outro ponto muito bacana para sua autoestima foi perceber que consegue ser bem aceita, ser amada e bem recebida, independente do que tenha a oferecer, ou de sua história. Então, conta que é muito fácil estar em um lugar onde uma ou outra pessoa te conhece, te apresenta e você sai de lá com um amigo. Diz que quando se está sozinha e não se tem nada a mais a mostrar, não são seus bens, sua história, seu sobrenome, nada disso. Diz que isso, também, é muito bacana perceber nessas viagens.

Você é uma pessoa que viaja bastante, né? Quais as dificuldades e as facilidades que você encontra quando você monta o seu roteiro de viagem.

Como comentado anteriormente, considera-se alguém extremamente ansioso, e parte das soluções que encontra para sentir que eu estou um pouquinho no controle, é se organizar. Ela se programa muito, pesquisa muito, se prepara muito antes de fazer uma viagem. Seja tentando conhecer um pouquinho do idioma, seja tentando conhecer um pouco do contexto, da história do lugar, onde é aconselhável, ir, onde é perigoso, não ir.

Então, é muito mais do que pensar assim "esse lugar aqui está bem ranqueado, e as pessoas falam bem dele". Mas olha muitas fotos, tenta sentir um pouco pela percepção, pelos depoimentos ou fotos, se as pessoas frequentam aquele lugar. Completa dizendo que, obviamente, a questão financeira e a reputação do lugar são imensamente considerados, mas mais do que isso é o *feeling*, é entender bem onde se está indo, e quais são as pessoas que vai encontrar no destino.

Você consome produtos e serviços de residentes locais enquanto você viaja?

Diz que acha quase sempre, pelo menos nessas experiências, que citou anteriormente. Conta que em algumas viagens que fez em família, com seu marido e as crianças (seus três filhos) também. Relembra de quando morou no Panamá, país que fica próximo ao Mar

Caribenho, visitaram toda essa região: Jamaica, Aruba, México, República Dominicana. Lembra que estas viagens, sim, eram por motivações de férias, pensadas para as crianças, com roteiro onde tem uma praia sem onda para eles, "e aí fica muito muito menos: vamos explorar e comer na rua, e muito mais: buscando uma estrutura pensada para crianças, para as nossas crianças pequenas", apesar de considerar que existam pessoas com criança pequena que visitam locais voltados para aventura, e este não é seu foco ao viajar acompanhada dos seus familiares.

Agora, conta que pensando no Canadá, e nesses outros países, e pensando em uma grande viagem que fez sozinha, também que foi à Alemanha, em dois mil e dez, quando ganhou uma bolsa para trabalhar como jornalista convidada. Conta, também, que seu marido é alemão e que, por conta disso, quando se conheceram, já falava inglês, e quando conheceu seus sogros também. Eles falam inglês, e seu sogro fala um pouquinho de português, mas percebia que havia ali a barreira da comunicação, que era uma barreira enorme entre eles. Revela que é muito difícil ser carinhoso em uma língua que não é nem sua, nem da pessoa com quem você está conversando. É uma língua intermediária, uma vez que entre o português e o alemão há uma grande diferença.

Então, conta que decidiu aprender alemão, e que ela e seu marido começaram a ficar juntos, namorar, em dois mil e três. Casaram-se em dois mil e cinco, e em dois mil e cinco mesmo começou a ter aulas de alemão. Em dois mil e dez, participou de um processo seletivo e foi trabalhar em um local onde a sede fica na antiga capital da Alemanha. Durante esse tempo, nessa viagem, tudo o que faziam especialmente por ser uma cidade pequena, regional, era ter contato com locais. Os restaurantes, compras. Foram quatro meses morando ali, "então não tem muito como você querer viver como turista durante quatro meses, que haja dinheiro, né?"

Conta que adapta-se a conhecer o melhor caminho de ônibus ou a pé, transportes, qual era o dia da semana que tem a feira de rua para comprar alimentos fresquinhos, então acha que tudo isso sim faz parte, e é a parte, segundo ela, mais gostosa também.

Como você se comunica com os locais nas suas viagens? Você sente que é bem recebida por eles?

Sente que sim, porque diz se esforçar para mostrar respeito pelo lugar onde está. Relembra que viajou para a França uma vez, e não fala nada de francês, mas diz que eles "têm toda aquela fama de que não tratam bem estrangeiros". Entretanto, aprendeu a falar a frase "eu não falo francês", sorria, se mostrava disposta e não teve absolutamente problema nenhum.

Cita, também, outra viagem que fez, para a Jamaica, e diz que gosta de conversar. Lembra que quando foi para a Jamaica, já tinha as duas crianças, mas os dois eram bem pequenininhos. Não se adaptaram bem à comida, e os colaboradores do hotel onde estavam hospedados descobriram que a sua filha mais velha, na época com três anos, gostava de maçãs e só estava comendo isso. Então, conta que todos os dias de manhã, uma das funcionárias do hotel, que não era nem da área de alimentação, ia ao quarto e levava cestinhos de maçã.

Conta que percebeu que tal comportamento deu-se porque quando soube que era aniversário de uma das meninas que trabalhavam no hotel, pediu ao restaurante que preparasse um bolo para entregá-la, em nome de sua família. Conta que uma noite saiu para jantar, e uma moça ficou cuidando de seus filhos enquanto ambos jantavam. Como forma de agradecimento, comprou uma lembrancinha.

Então, gosta de, de alguma forma, se conectar com essas pessoas, porque imagina que deva ser um trabalho tão prazeroso quanto cansativo, e acredita que nem todo mundo chega de férias com esse espírito de respeito. Muitas vezes, são pessoas querendo impor o que eles gostam na casa deles, e transferindo para aquele lugar.

As expectativas foram supridas quando comparadas ao que você esperava e ao que você encontrou?

Diz que sim, e é que é difícil responder isso, considerando todas as viagens que fez. Então, "depende de qual viagem a gente está falando". Conta que houve viagens que fez e que não foram proveitosas, e lembra, triste, de viajar a Portugal e que, de todos os lugares onde esteve, foi o lugar onde mais sofreu racismo, e onde mais participou e vivenciou agressões racistas, olhares de julgamento e discriminação.

Conta que não tinha grandes expectativas, porque, segundo ela, foi até lá em dois mil e cinco, para ficar um mês em uma cidade muito pequena, chamada Viana do Castelo. Esta experiência não supriu as expectativas. Entretanto, de maneira geral, diz que sim, porque por mais que muitas coisas possam sair fora do controle e dar errado, considera que uma pessoa bacana consegue salvar uma viagem inteira. Com exceção do episódio vivido em Portugal, acha que sim, de maneira geral, sente que suas expectativas são atendidas.

E quanto tempo você demora entre escolher o seu destino e decidir o seu roteiro?

Como não faz mochilão e as suas viagens, normalmente, tem motivação ou para estudo ou para trabalho, não investe tanto tempo assim criando um roteiro "de segunda-feira eu faço isso, terça, aquilo, quarta aquilo". De fato, diz que foca em realmente conhecer a história do

lugar, conhecer alguns pontos que podem ou não ser interessantes, dar uma lida em algumas polêmicas ou notícias sobre o que tem acontecido lá, e menos de programar para o dia-a-dia.

Considera-se metódica, porque como relembra, são viagens a trabalho, acaba conciliando o que dá dentro do seu roteiro, se é de estudos ou se é de trabalho. Foi para o Canadá e lembra que ficava pensando: "poxa, dizem pra se afastar dos brasileiros, não pode ficar perto dos brasileiros, porque senão não vai aprender inglês", e revela que achava aquilo uma bobagem, porque rebate que pode-se, então, não falar com ninguém, ou estar só com pessoas nativas, e ainda assim, não melhorar seu idioma. Então, não tinha muito essa preocupação. O que queria era estar com pessoas que a fizessem bem. E passeando muito, trocando experiências, então isso, para ela, sempre foi o mais válido.

"Eu não sou muito desse tipo de pessoa, já vi um brasileiro fuge ou faz uma rodinha? Depende, né? Se for uma pessoa com quem eu me conecto é muito bacana, mas de maneira geral não tem problema nenhum em por minha conta, sabe? Sem essa sensação de ai! Preciso encontrar alguém aqui pra ser meu par, pra andar comigo, pra eu me sentir menos deslocada".

Você utiliza os serviços das agências de viagem?

Pensa e revela que utilizou uma vez que foi para viagem ao Canadá, quando precisou que a ajudassem a encontrar a casa de família onde ficaria, e a escola. Em todas as outras vezes, diz que não. Nas outras viagens, foi por pesquisa, ou no caso da Alemanha, como tinha amigos na região, pesquisou um pouco para tentar achar alguma república, algum lugar de estudantes para morar e depois acabou sendo um amigo que foi, pessoalmente, dar uma olhada na casa, ver se gostava.

Você se sente segura ao percorrer o caminho entre o local de partida e o destino?

Não. Acredita que seu medo é o medo natural de todas as mulheres: que é andar sozinha. Citando a Alemanha e o Canadá, acredita que as pessoas abusam um pouco da sorte. "A gente sabe dos perigos, a gente tem medo dos perigos e a gente faz mesmo assim, então a gente sai a noite e só porque a gente não tá no nosso país a gente fala: 'ah mas é ali do lado, eu vou a pé, eu volto a pé pro hotel, eu volto a pé pra minha casa'".

Após comparar uma situação de insegurança a uma situação cotidiana, lembra que às vezes não se tem alguém que está indo exatamente ao mesmo quarto, ou mesmo hotel, onde se está hospedado. E confessa que já cometeu esse erro algumas vezes: de confiar que se está seguro. Entende que não vale a pena, e lembra que um dia, na Alemanha, estava voltando de uma festa e no caminho tinha uma menina com roupa "de balada", deitada no chão dormindo,

no meio da rua, no meio da calçada. "E aí eu fui lá falar com ela, em alemão, e eu falei: 'está tudo bem?', e a primeira coisa que eu pensei foi, gente! Cadê os amigos dela?" E questiona: "Cadê a pessoa que foi com ela que não percebeu que ela não estava em condições de ir embora dessa festa onde quer que fosse."

Conta então, que essa menina se levantou e falou que teria uma outra festa. "Vem comigo?", a garota convida, e ela alegava não querer, explicando que sua casa era pelo caminho contrário ao da suposta festa, reiterando a preocupação, e perguntando se ela precisaria de ajuda. Lembra que ela se recompôs, levantou e saiu como se nada tivesse acontecido. "Mas imagina o risco, né? Porque não importa o país onde você esteja, seres humanos são passíveis de erro, então, você pode cruzar com alguém mal-intencionado e isso pode ser gravíssimo", diz.

Acho que essa dica é muito importante, mas especialmente se for pensar em como nós, mulheres negras, e diz que ainda tem esse risco adicional, que é a questão do racismo, "é a questão da nossa cor." Essa questão de as pessoas acharem que nós, nossos corpos, estão disponíveis ou são propriedade pública. Permitam-me parafrasear completamente a fala de Monique, neste momento, enfatizando a importância da fala a seguir:

"Então aí eu faria um adendo extra, porque não basta só falar: 'toma cuidado com a sua bebida, não deixa ninguém se aproximar, toma cuidado, também, com o carro onde você vai entrar, o lugar onde você vai se hospedar. Agora tem até aplicativos, e sites, que são especializados em viagens para pessoas negras. E aí qual é a garantia que eles dão? Que você vai ser recebido por aliados, por pessoas negras ou pessoas que sim são antirracistas."

Fantástico, porque relembra o episódio que foi para os Estados Unidos apenas para fazer uma conexão, uma única vez, e estava com seu marido. Na época, tinham apenas uma das três crianças, e relembra que lá a questão racial é muito mais gritante do que aqui no Brasil.

Diz não considerar pior, mas ser menos velada. Coloca que não há como comparar a violência de lá (Estados Unidos) com a violência daqui (Brasil), porque lá, sim, eles são um grupo minoritário. "Aqui nós somos um grupo minorizado, né?" Sim. Nós somos maioria, mas eles nos colocam nesse lugar, "racializando-nos", segundo ela. E lá, nos Estados Unidos, considera que não, e que a proporção de negros é menor, é baixíssimo o número. Conta que, então, *eles* têm essa questão com relação interracial e o seu marido é um homem branco. No aeroporto, e naquelas imediações do hotel onde ficou, diz ter notado que a forma de interação

entre pessoas brancas e negras era diferente, e a forma como sentiu-se julgada e recriminada por outras pessoas negras diz ter sido gritante, apesar de afirmar entendê-los.

"Eu entendo esse olhar de sabe? Tipo de traidora. Você está dormindo com o inimigo. Justo você. Então assim principalmente os homens olhavam com uma acusação tremenda. Mas eu entendo porque eu faço isso com homens negros. E eu nem deveria, né? Porque meu telhado é bem de vidro, mas eu olho pra homens negros com mulheres brancas e penso: poxa vida, ele também foi ensinado achar bonito só esse tipo de perfil, só esse tipo de beleza, né?", reflete.

Por fim, termina dizendo que acha que para falar de segurança, é necessário ter muito cuidado. Especialmente com questões raciais, dependendo do lugar onde se vai, porque você pode ser um alvo sim.

Como você lidou com as diferenças culturais?

Diz que em alguns lugares foram mais difíceis que outros. Cita, então, como exemplo a Jamaica, que considerou ter sido muito difícil e isso foi curioso para ela, porque imaginava a Jamaica como era vendida assim, como vender o Brasil: como um lugar da democracia racial. Achava que Jamaica era um lugar muito perfeito, com pessoas sorridentes, mas a verdade é que percebeu que grande parte deles vive em extrema pobreza. A situação nas ruas é precária, as casas são precárias, o transporte é precário, a estrutura urbana, as pessoas são muito agressivas no trânsito, sem paciência, irritadas.

Apesar de, em contrapartida, considerar as pessoas lindíssimas. Acredita que seja uma nação muito bondosa e muito sofrida ao mesmo tempo. Mas é isso. Mesmo no turismo, sente que eles têm essa rispidez que não imaginava. E diz que não é apenas a questão de eles serem muito diretos. Por exemplo, nesse hotel estava tendo muitos casamentos, mas conta que um específico passou uma noiva negra e ela parecia uma mistura entre princesa e rainha do mundo, ao seu ver. Não era nem só de *Wakanda*.

Então, reflete, "quando você está num lugar, e numa nação negra, você tem esses presentes, de você ver centenas de tons de pele pretas diferentes, penteados e maquiagens, e se reconhecer em cada uma das pessoas. Isso era maravilhoso."

Considera, a partir destas colocações, que teve uma viagem fantástica, mas também difícil. Lembra que o Panamá também a surpreendeu, porque imaginava que pela proximidade com a Jamaica, haveria pontos em semelhança a serem observados. Explica que o Panamá está dividido entre o oceano Atlântico e o Oceano Pacífico. E do lado do Atlântico tem muitas pessoas negras. Ainda assim o panamenho tem um tom de pele queimado de sol, que parece

um pouco indígena, um pouco colombiano, segundo ela, mas eles se reconhecem muito mais espanhóis e europeus do que negros, o que considera, particularmente, uma vergonha. Por conta da invasão dos Estados Unidos, que foi relativamente recente, e a forma como o país foi crescendo com muitos expatriados estrangeiros, eles são muito reservados, muito conservadores.

Reparou e sentiu que qualquer diferença chamava atenção deles: trança chama atenção, dread chama atenção, pele negra, casal interracial, tatuagem, metade do que ela representava. Foi curioso chegar e perceber que não era um lugar tropical e muito moderno. Pelo contrário, sente que eles são mais reservados e conservadores. Ainda assim, diz apaixonada pelo Panamá, pelos panamenhos, e voltaria para lá, moraria lá de novo.

Quando você viaja assim, tanto sozinha quanto com a família, você sente que você é influenciada pelo local?

Tem certeza absoluta que sim, e acha maravilhoso. Acredita ser incomparável a sensação de pertencer a um lugar após visitá-lo, tentar usar gírias que as pessoas utilizam, acabar se vestindo um pouquinho com a influência daquele lugar também, e a comida que marca. Ou coisas que conhece e que quer trazer para casa. Adora viajar, ouvir uma música diferente, ou até mesmo um novo hábito. Acredita ser uma das partes mais gostosas, que vai além do significado de um souvenir. Conta que em sua casa não existem muitas lembranças materiais de viagens que realizou, mas tem as receitas que aprendeu, tem a comida que lembra e que faz, ao voltar, em casa.

Você pretende realizar outras viagens sozinha?

Responde não saber se é o momento, já que agora pensa como mãe. Qualquer mãe ia querer viajar sozinha para qualquer lugar. "Respirar um pouquinho". Acho que nunca tinha pensado sobre isso. Mas revela que gosta dessas viagens com esse propósito profissional, cultural, educacional. Talvez seja parte da sua incapacidade de relaxar e descansar.

Então, percebe que quando é uma viagem só pela viagem, senta-se e fica esperando algo acontecer. Apesar de pensar nesta possibilidade, sempre acaba colocando ali um objetivo, uma meta. Se pudesse viajar novamente, ou se puder, para um curso, para um estudo, para uma bolsa, um congresso, algo assim, diz que uniria várias coisas que seriam: viajar sozinha, que adora, adora experiências de ter que andar e fazer seus horários e se sentir independente, e ao mesmo tempo, realizar essas conquistas, profissionais e pessoais. Então, ao fim da resposta, pode responder que sim.

Como foi a volta pra casa depois de todas essas viagens?

Revela que em todos os sentidos, no sentido pessoal e no sentido físico também, é horrível! E, reitera: é horrível! Acha que isso diz muito sobre si própria, e não da melhor forma. Mas desde criança se lembra que terminar a viagem em si não era um problema, porque o finalzinho da viagem sempre, também, é a parte cheia de clichês. Entretanto, ao mesmo tempo que diz ser horrível, é a parte mais gostosa quando analisado o fato de não mais precisar se importar com aquela expectativa de: "será que vai dar certo?"

Diz que, no fim das contas, já deu certo, já acabou a viagem. "Penúltimo dia, antepenúltimo, primeiro amanhã é sempre o mais gostoso né? E não porque nada muda. Quem muda somos nós, ou a nossa percepção com aquele lugar." Mas, fisicamente, voltar para casa remete ao reorganizar e ela revela que odeia desfazer a mala. "É uma das coisas que eu mais odeio no planeta sideral inteiro, inteiro e inteiro."

Por que você sentiu necessidade de compartilhar todas essas suas experiências na rede social?

Acha que talvez seja a pergunta mais complexa. "Deixa eu tentar lembrar, porque eu sei que quando eu fui pro Panamá, em dois mil e doze, eu estava numa crise de ansiedade e depressão muito grande. E aí eu tomei a decisão de sair de todas as redes sociais." Relembra que durante uns dois anos, não teve nada, não tinha Instagram, Facebook, WhatsApp, nada. Acredita que não era muito forte, e enfim, sentiu-se bem alienada das coisas que estavam acontecendo, assim como bem reclusa. Em algum momento, acredita que começou a sentir falta de exercitar a comunicação.

Logo, conclui que foram duas coisas: uma das mais fortes foi a necessidade de exercitar seu jornalismo. Trabalhou durante muitos anos como produtora de conteúdo digital, o seu início de carreira foi nas revistas, jornalismo impresso e depois migrou para o online. Relembra que quando eu fui ao Panamá, nos primeiros dois anos, não estava trabalhando, sentiu-se defasada, sem informações sobre novas tecnologias, o que estava sendo feito pela internet, como mexer nas novas ferramentas. Então, decidiu voltar!

A primeira coisa que fez foi criar o canal no YouTube. Então, com a criação do canal no YouTube, começou a estudar sobre como fazer edição, quais eram as melhores ferramentas, como ranquear melhor o conteúdo. Considera que parte da motivação era por vontade de exercitar o seu talento na área de comunicação, poder entregar e apresentar alguma coisa, mas

outra coisa que fez toda a diferença muitíssimo forte "e aí você pode perceber até pelos temas dos vídeos", era a questão racial. Diz que era importante ver que era uma mulher negra, vivendo uma experiência que ainda era vista como exceção e com particularidades que achava importante as outras pessoas conhecerem. Para saber o que esperar daqueles lugares e para dividir.

Revela que foi um processo um pouco de "cura terapêutica", a partir da fala. Então, não fazia muita diferença como as pessoas iam receber aquilo, o que precisava era falar. Era colocar para fora, que foi para Portugal e alguém gritou "preta" no meio da rua. Era contar que na Alemanha existe tanta preocupação de que lá você vá sofrer ataques nazistas, por uma série de questões, e não! Foi um dos lugares onde mais teve essa questão racial vindo à tona, ao perceber que não foi tratada com indiferença pelos alemães.

Então, acha que eram essas questões. Queria saber como falar dentro do universo digital, e compartilhasse a sua visão de mundo.

Você conhece outras mulheres pretas que também viajam sozinhas?

"Sim, a N., acho que é N. B., viaja muito sozinha. *Negata*, eu sei que viaja muito sozinha também. A G. E., né? Essas amigas que eu conheci recentemente, recentemente já faz sei lá, cinco anos, quatro anos que a gente fez essa formação. E minha irmã já viajou muito também, mulher negra. Ah, eu conheço muitas. Nossa muitas. Eu acho que então, né? A solidão, a nossa solidão, faz isso com a gente. A gente aprende a se virar porque senão a gente não faz nada. Né? Então às vezes, nossa característica e às vezes é como nós somos moldadas. Acho que eu fui muito moldada a aprender a me virar sozinha porque se eu ficar sentada esperando que alguém faça o convite, talvez esse convite não venha nunca e não é aquela coisa, né do 'nossa como você é corajosa' e a gente pensa, mas a gente tem outra opção? Não tem. Nossa, às vezes é tão cansativo, não só viver o racismo, mas viver do racismo. Falando sobre isso, corrigindo tal. Mas eu não tenho opção, porque eu vou acordar amanhã e todos os dias se Deus quiser acordando e as deusas continuando sendo uma mulher negra e essas coisas não vão sumir. Então ou eu lido com elas, e falo sobre elas, ou enlouqueço."

4.2. ENTREVISTADA 3 - Viagem Black

Já a terceira entrevistada foi Ísis, de 24 anos, residente em Salvador, Bahia, e criadora do perfil de Instagram “Viagem Black”, com 3,5 mil inscritos, onde compartilha suas experiências de viagem e conta a respeito de seu intercâmbio, realizado no Egito.

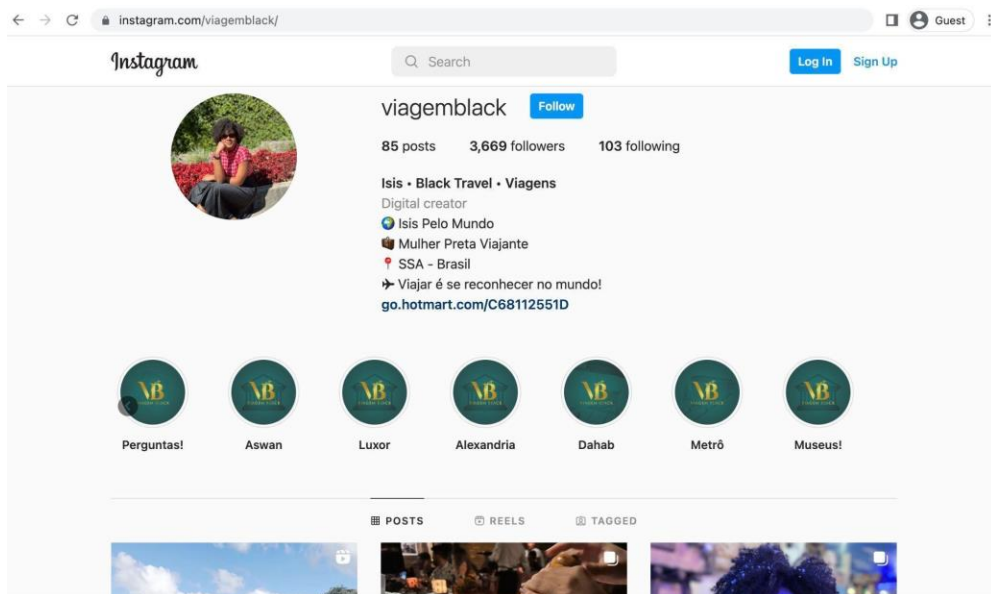


Figura 4: www.instagram.com/viagemblack

Ísis também é participante do projeto “Nagonianas”, um canal no YouTube focado em compartilhar experiências de mulheres negras, o qual conta com 3 mil inscritos, e local onde, também, compartilha vídeos sobre sua viagem.

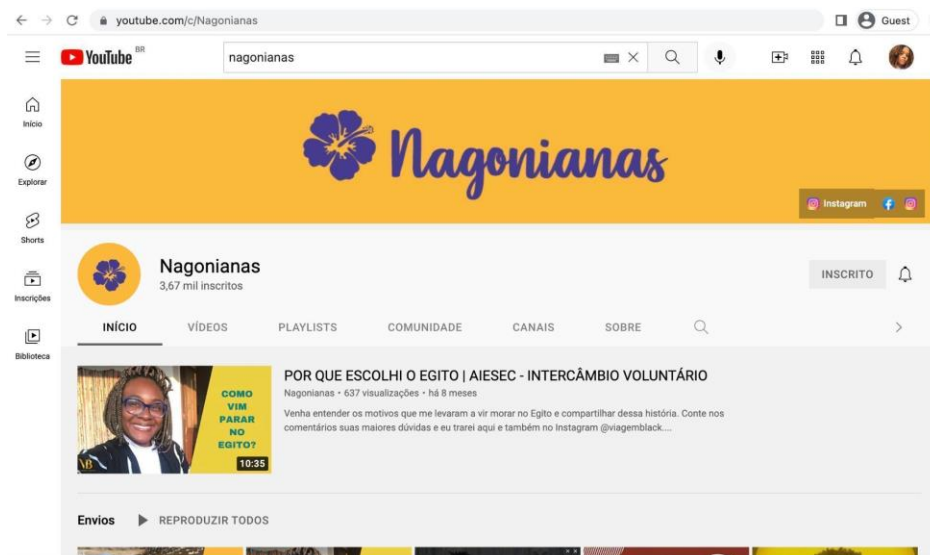


Figura 5: www.youtube.com/nagonianas

Viajante nata, apaixonada por viagens, culturas e mundos diferentes do seu, Ísis me contou sobre sua experiência de viagem ao Egito, local do qual considerou diferentemente apaixonante!

Primeiro eu gostaria de saber se você viaja sozinha.

Diz que ainda não teve experiência de viagem completamente sozinha, mas já viajou em grupos, grupos maiores, com seu noivo, e sua viagem maior, inclusive, foi com uma amiga. Então, ainda não tem essa experiência de viagem completamente solo, já que gosta de ter companhia.

E quais são os motivos que te levam a viajar? Você viaja frequentemente?

Responde que sim, e não, e explica que nos últimos dois, ou três anos, teve uma pequena pausa, por conta da Pandemia, período em que entendeu que de fato viajar era algo importante para ela.

Começou a acontecer com mais frequência, do desenvolvimento, pensamento, começou a projetar viagens maiores, e diz sentir, dos últimos três a quatro anos, uma mudança. Na sua família, viajar não é parte da rotina. "Não tem esse mindset viajante. É uma família preta, de um lugar periférico de Salvador. Isso não é um mindset nosso. De viajar, pegar avião." - diz.

Aos vinte e um, fez sua primeira viagem de avião, e hoje, tem vinte e quatro. Diante da realidade que diz ter vivido, viajava com a família a Feira de Santana, há duas horas de Salvador, e considerava esse deslocamento como uma grande viagem. E conta que a primeira vez em que viajou de avião, foi para um projeto de blogueiras negras, que incentivava mulheres negras a produzir conteúdo. Lembra que pegou um avião e disse: "caramba, é isso! É isso que eu quero". E dali surgiu esse espírito viajante. Logo, começou com viagens menores pela Bahia, depois foi expandindo para outros lugares do Brasil, e em dois mil e vinte e um fez sua primeira viagem internacional.

E para você escolher o destino, o que você leva em consideração?

Diz que tem que ter muita coisa para fazer, lugares novos a visitar já que, particularmente, é uma pessoa que gosta de aproveitar o máximo possível dos momentos.

Conta um pouquinho mais para mim e o que mais chamou atenção no lugar escolhido?

Sua última grande viagem foi seu intercâmbio para o Egito, onde permaneceu por quatro meses. Fez um intercâmbio voluntário, de um mês e meio, e depois continuou morando no Egito para conhecer mais coisas, mais lugares. Pelo fato de trabalhar em home-office para uma empresa no Brasil, tinha essa possibilidade de trabalhar em qualquer lugar do mundo. Foram quatro meses conhecendo o Egito, de norte a sul, leste a oeste, sendo, de fato, uma experiência transformadora.

Conta que ouvia, antes de começar a viagem, que seria uma experiência incrível. E quando se passa pelo momento, é algo que, segundo ela, "vira uma chave na cabeça sobre vários assuntos, vários temas, várias coisas". E, para ela, mais incrível ainda foi ter conseguido realizar essa viagem, provinda de uma família que nunca teve essa perspectiva de viagem, que não tinha condições. Por exemplo, precisava viajar pelo Egito trabalhando, para que fosse possível pagar a viagem. O Egito foi o destino que a ganhou, onde viveu muita coisa que considera importante e potente.

Cite as maiores facilidades e dificuldades encontradas ao montar o seu roteiro de viagem.

Como facilidade, conta ter tido pessoas que foram ao Egito junto com ela, e acredita ter sido sua maior facilidade, já que a possibilitou tirar dúvidas, entrar em contato com outras mulheres, homens, enfim, pessoas que estavam viajando pelo Egito, pessoas que já tinham viajado e que foram muito solícitas em sua maioria para responder. Em segundo plano, conta que seu senso de organização foi outra facilidade, porque viajou em julho, mas estava desde janeiro se programando.

Algumas informações não são um mar de informações, mas se de fato há busca, encontra-se muita coisa antes de ir ao Egito, bem como muitas pessoas que já estiveram por lá e podem oferecer informações úteis. Diz que é um país de uma cultura muito diferente da nossa, então isso demanda uma dificuldade. Por exemplo, dessa pesquisa pré-realizada, entende-se visitar um país árabe, e teria que entender essa cultura para saber o que vestir, entender para onde ir, entender onde é permitido ir, e onde não é permitido. Essas são algumas dificuldades que não desanimam, mas tornam essa viagem um pouco mais delicada.

Revela que o intuito do intercâmbio era aprender mais e falar inglês, mas o idioma oficial é o árabe. Então o árabe também foi uma dificuldade. No geral a surpreendeu muito, porque no Egito principalmente na capital, Cairo, noventa por cento das pessoas falam inglês.

Ainda assim, diz ter muito letreiro, muito cardápio em árabe e isso, às vezes, era um pouquinho dificultoso. Não é nada que bloqueia a viagem, mas é um ponto de atenção. Então diz ter precisado estar muito atenta a isso.

E você consumiu produtos e serviços dos residentes locais de lá?

Sim, muito. Principalmente de algumas mulheres. Como foi para uma viagem que não era uma viagem à passeio, ou lazer, continuou muito tempo por lá. Muitas das viagens eram montadas, e mesmo que contratadas por agências pequenas, eram montadas por ela e por sua amiga. Contratava pequenas agências de lá que já tinham roteiro pronto, ou pesquisava e entrava em contato com guias locais, com pessoas locais, para poder fazer algum *tour*. Conta que tinha muito dessa economia colaborativa local funcionando, porque consumia muito de pequenos produtores e empreendedores.

Como você se comunicou com os locais nessas viagens e como sentiu que foi recebida por eles?

A comunicação, no geral, foi bem tranquila. Em seu ponto de vista, as pessoas do Egito falam muito ao telefone, elas ligam muito. Foi um pouco chocante ter que ligar para as pessoas e tudo mais, mas consegue-se total acesso a redes sociais, algum WhatsApp e as pessoas trocam muito.

O atendimento no geral, segundo ela, é bem bacana. Tem um ponto de atenção, no Egito, como em qualquer lugar, que às vezes, tem que dar uma barganhada no valor, procurar mais informações, porque na cultura egípcia as pessoas confiam muito umas nas outras. Sente, até que é parecido ao Brasil, até um pouco mais drástico. "Você tem que se jogar e confiar". E diz que eles têm uma brincadeira lá que é o "Egypt Time", porque conta que se atrasam muito, e não só as pessoas. Conta que o transporte também atrasa com naturalidade.

"A gente pegou um trem que é de luxo e atrasou três horas tranquilamente." Outro ponto que achou importante colocar é que, para algumas coisas, a questão das gorjetas, por exemplo, não é uma coisa tão comum no Brasil, mas lá é muito comum. Conta que algumas pessoas estão acostumadas a pedir gorjeta para dar informações. Mas, no geral, o atendimento é bem legal. Considera que os locais foram extremamente solícitos e gostam muito de brasileiros. "Aí também é sobre futebol, Neymar e o Ronaldinho".

E as expectativas foram supridas quando comparadas ao que você esperava e ao que você encontrou lá?

Foi preparada para o que poderia encontrar. Sabia das muitas coisas positivas e negativas que iria encontrar, então estava minimamente preparada para essas frustrações. "Você passar perrengue faz parte da experiência, né? Faz parte da experiência, então pra ser uma viajante também é trabalhar esse aprendizado, de como eu lido com essas emoções, do que acontece fora do meu controle."

Quanto tempo demorou entre você escolher o destino e decidir o roteiro?

Conta que foram seis meses, em média. Decidiu que iria para o Egito em janeiro. Começou as contratações. Por ser um intercâmbio que se transformaria em breve moradia, tinha mais coisas para pesquisar. Gosta de se programar, de planejar uma viagem antes de fazê-la.

Você utiliza os serviços das agências de viagens?

Utilizou no Egito em agências menores, locais. Então, considera fazer dois tipos de viagem: com agência, se achar que é mais conveniente, também em grupo. Para alguns destinos, considera ideal que se vá em grupo. Enquanto outros lugares não há essa necessidade.

Você se sentiu segura ao percorrer o caminho entre o local de partida e o destino, nesse caso, entre o Brasil e o Egito?

Sim. No geral sim. Para mulheres, especialmente para mulheres pretas que, ao seu ver, têm suas questões, em todo lugar, mas no geral sim, se sentiu segura.

Qual foi o maior desafio que você encontrou durante toda a viagem?

Diz que teve um pouco das situações que fogem ao controle, e o Egito não é um país "certinho", "então muita coisa foge do nosso controle né?" Lembra que tem muito atraso, e revela que a cultura é um dos maiores desafios. Até escreveu um post sobre isso, que não acho que o Oriente Médio seja para amadores, mas amadores no sentido de não entender uma cultura diferente da sua, porque, sim, é muito diferente. "E aí e a gente vai chegar com os nossos

preconceitos, alguns a gente vai confirmar como conceitos oficiais, mas outros a gente vai mudar muito." Sim, então de fato a cultura é um grande desafio.

Você realiza viagens nos momentos de lazer e férias ou você possui um calendário mais flexível?

Possuía um calendário mais flexível no seu antigo trabalho até dezembro, o que possibilitava trabalhar em qualquer lugar do mundo. Agora, diz ter uma agenda mais intensa, e os planos de viagem precisarão ficar entre férias e feriados, tanto que férias e feriados deste ano, diz estarem cheios de viagens marcadas, com tudo programado.

E em algum momento lá no Egito você se sentiu com medo?

Revela que sente medo por ser negra, não por ser mulher algumas vezes. "Porque eu sou uma negra brasileira, isso era uma questão, tá? Ninguém acreditava que eu era brasileira. Isso me incomodava muito. Ah, mas você é africana, você é francesa. Não, sou brasileira." Então esse é um ponto, porém, sente que não sofreu discriminação, e explica que há um processo um pouco delicado com sudaneses, sua pele "não é tão retinta". Então ali nitidamente eles sabiam que ela não era dali que se tratava de uma turista.

Conseguiu entender que tinha uma visão direcionada ao fato de ser turista, e não por ser negra. Achavam que era francesa e chegavam a tentar uma comunicação em francês. Reitera que tinha sempre esse olhar do turista. Então sente que por isso algumas coisas talvez não tenham me afetado tanto quanto a mulher negra no Egito. Calculavam ali como uma estrangeira de algum lugar, que está ali para gastar o seu dinheiro.

Mas foi uma visão que você interpretou como algo negativo? Ou não?

Rebate que não teve uma sensação de negativo, mas se preocupou, por exemplo, com uma pessoa negra de pele muito mais escura, que talvez parecesse sudanesa. E aí passar por situações mais delicadas. E sendo sudanesa, por exemplo, de uma pele bem mais escura. Fora isso, não sentiu tanto quanto mulher negra.

Mas, por outro lado, conta que uma pessoa que é mais clara, que pode passar por uma egípcia, já sofre mais. Sua amiga sofreu xingamento porque eles entendiam que a mulher egípcia não poderia estar mostrando o braço, confundindo-a com uma residente local. "Ela é turista. Ela é de fora daqui". Tinha um pouco essa diferença.

Você conseguiu aproveitar a cultura e a gastronomia local? E o que mais gostou e o que menos gostou nesse quesito?

Diz que sim e muito. Sente que emergiu o máximo possível e que estava trabalhando, "então, pra mim foi muito positivo", completa. Gastronomicamente, gostava da maioria das coisas, com exceção de pratos apimentados. Lembra também que, em sua grande maioria, os egípcios são muito receptivos. São pessoas mais alegres.

Culturalmente, considera o Egito como o berço da civilização e "havia ali uma inspiração dentro da mitologia da história egípcia". É incrível ver isso de verdade assim. Muitas coisas me deixaram muito chocada mesmo. A viagem do tempo, né?" E conta, inspirada, que seu nome é Ísis, e Ísis é uma deusa egípcia. Foi muito importante também estar no território africano, diz.

E você sente que você foi influenciada pelo local?

Diz que com certeza. Principalmente sobre visão de mundo. "Que a gente tem salvação". Voltou com uma visão muito mais ampla e a mente aberta. "E aí você começa a se questionar sobre várias coisas que você pensava, ou que você achava que ia dominar o mundo. Eu acho que o Egito impactou e me mudou em diversas coisas assim. Para além da questão da cultura ou dos aprendizados, eu vou ser muito mais resiliente com meio mundo."

Como foi a volta pra casa?

Revela que, por incrível que pareça, já estava no limite para voltar. No último mês, especificamente, foi o mês mais complicado. A temperatura muito quente, essa cultura, que é diferente, ter que presenciar situações com as quais não concordava. Diz que chegou um tempo em que tudo começou a ficar cansativo. Tinha conseguido conhecer noventa por cento do Egito. Então, começou a entender que aquela era a hora de começar a caminhar para voltar. Lembra que conversava com sua amiga sobre como esse processo foi transformador para entender seu corpo no mundo. E sente que voltou diferente, muito incomodada positivamente, querendo se reconectar com quem é, com quem é importante para si.

Por que você sentiu necessidade em compartilhar essas experiências nas suas redes sociais?

Já tinha, como falado anteriormente, em dois mil e dezoito, feito uma viagem para um clube de blogueiras negras, em que foi a primeira vez que andou de avião na vida. Lembra que quando chegou ao quarto, no hotel, chorava muito de felicidade pela possibilidade de viver

algo que nunca imaginou que poderia viver. Depois, começou a viajar a outros estados, com seu noivo. Decidiu que durante seu intercâmbio começaria a compartilhar as experiências.

Já tinha um canal do YouTube, *Nagonianas*, com duas amigas, que se formaram com ela na faculdade, mas queria algo mais, queria algo que pudesse falar de viagem. A primeira viagem, há duas horas de Salvador, que eu fiz, tinha treze anos de idade. Depois, só foi viajar de novo aos vinte e um numa viagem que ganhou de presente. Era uma diferença temporal muito grande. Aquilo a deixava feliz, e sentiu que precisava compartilhar com as pessoas. Foi aí que nasceu o canal "Viagem Black".

Formada em Relações Públicas, sempre trabalhou com produção de conteúdo para empresas. Conta que sente facilidade para escrever, porque trabalhava com isso, então eu sabia fazer isso. Lançou, então, um vídeo dançando, "essa é a mistura do Brasil com o Egito", do grupo É o Tchan, na frente das pirâmides, e deu início ao seu canal. Se sentia muito feliz em poder compartilhar. É uma coisa que de fato ama fazer. Compartilhar uma viagem também era isso: poder trocar um pouco dessas alegrias e dessas dores que é ser uma mulher negra viajante. Porque conta que trazia e levava muitos questionamentos do Egito e da vida para o Viagem Black.

Então, as pessoas ficavam chocadas e ela diz que chegava a se questionar: "eu não posso ser uma mulher negra brasileira viajando? Porque a visão, também, eu não julgo que essas pessoas, esses egípcios, estejam acostumados a que o viajante brasileiro, no geral, seja branco. Então é normal que o contato com turistas brasileiros que eles tenham é um contato com turista branco." Reflete sobre a vontade de mostrar as experiências de viagem para pessoas negras. "Nossas crianças também precisam começar a ter esse costume, de viajar e saber o que é esse sentimento".

Conta também que fica super feliz, hoje em dia, se chega ao aeroporto, e já fez o check-in, passa no raio-X muito tranquila, porque é uma coisa que criou em sua cabeça com o tempo, a perspectiva de ter começado a viajar, mas diz saber que essa não é a realidade de todas as pessoas negras que visitam sua página. Antes de viajar pela primeira vez, via vídeos, no YouTube, de como era o check-in, de como era despachar a mala, de como era passar no raio-X, "o que eu tinha que fazer? Muito receosa porque não era uma coisa que se perguntasse à minha mãe, ela não ia saber. Sabe? Ela não saberia como era isso".

Então, considera muito importante compartilhar essa vivência, de uma viajante negra, que vai viver coisas novas, lugares, mas também levantar questionamentos. "Levantar

questionamentos de porquê as pessoas não acham que ela é brasileira, levantar questionamento sobre as crianças brancas que começam a viajar logo cedo. Levantar questionamentos, esse canal é o papel: viajar, curtir, dançar, mas também refletir. Às vezes ver luxo e às vezes questionar. A gente vai fazer de tudo!”, conclui.

5. DISCUSSÕES E RESULTADOS

A) Quais os motivos que te levam a viajar sozinha? Viaja frequentemente?

Dentre as respostas apresentadas pelas três entrevistadas, pode-se considerar que as motivações variam entre autoconhecimento, crescimento pessoal e profissional, descanso, trabalho e estudo.



Figura 6: Nuvem de palavras- <https://wordart.com/create>

Não todas viajam, em sua totalidade, sozinhas. Monique, por exemplo, realiza viagens em família, desde que se tornou mãe. Ísis, ao realizar sua viagem ao Egito, considerou o acompanhamento por uma amiga, uma vez que sentiu, nesta companhia, a segurança a qual sozinha não sentiria.

Michel Onfray (2009) diz que há possibilidade de realizar viagens solitariamente, entretanto, ao fazê-lo, diminuem-se as chances de construção de uma amizade, como faz-se possível em viagens realizadas a dois. Reitera, também, que diante de suas perspectivas, viagens solitárias nem sempre serão a melhor opção.

Uma das entrevistadas, também, considera viajar frequentemente.

B) Ao escolher o destino, o que você leva em consideração? / C) Para onde viajou e o que mais chamou atenção no local escolhido?

Sobre as motivações que circundam a necessidade humana de viajar, segundo Michel Onfray (2009), em Teoria da Viagem, existe uma espécie de ordem que impera o que chama de determinismo genealógico, em que não há escolha consciente perante um lugar predileto de viagem, e sim a solicitação provinda deste lugar para com o viajante.

Ao analisar as escolhas feitas pelas entrevistadas, percebe-se que os locais pelas quais foram escolhidas, não apenas refletem, como traduzem, parte do que apresentam como necessidade, personalidade e desejo. Enquanto Jocilane busca descanso em praias cariocas e passeios culturais pelas histórias contadas no México, Monique mergulha em conhecimento ao viajar por locais como Canadá, Portugal e Alemanha. Já Isis, entende-se no Egito como a própria deusa, homônima a si, numa busca pessoal e profissional imersa em um banho de cultura africana milenar.



Figura 7: Nuvem de palavras- <https://wordart.com/create>

Deve-se pontuar que, também, segundo Michel Onfray (2009), o direcionamento para tal escolha demonstra e reflete-se entre preferências climáticas, já que diz que "[...] há sempre uma geografia correspondente a um temperamento"; um nome, palavra ou lugar que relembrem diretamente uma memória; recordações que levem a apegos pessoais; ou mesmo a concretização de um sonho antes de morrer.

"Sonhar com o destino é obedecer a um imperativo que, no nosso íntimo, fala uma língua estrangeira." (ONFRAY, 2009, p. 24).

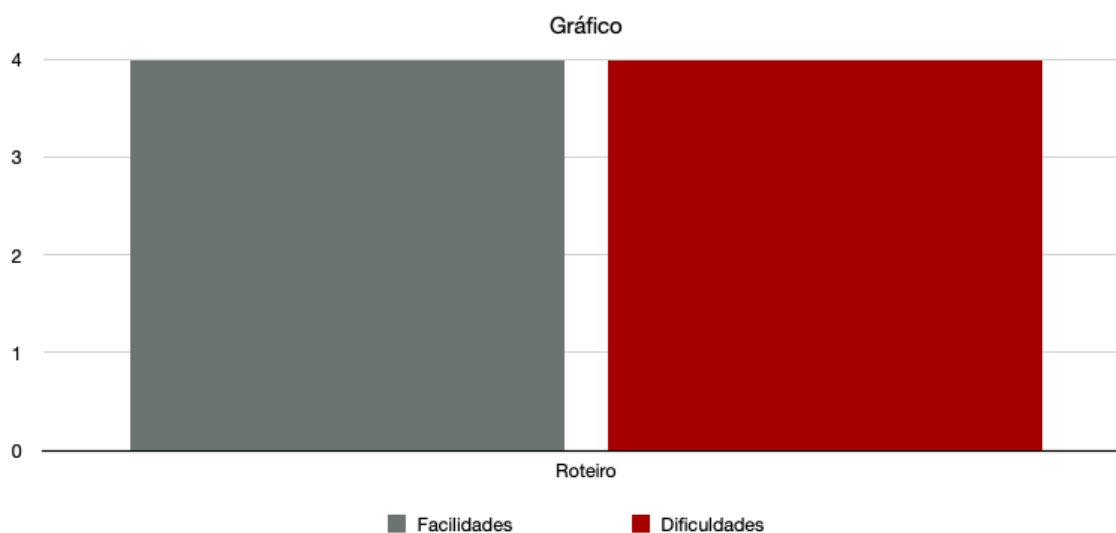
A análise das entrevistas mostra que, para as três viajantes entrevistadas, para além das considerações pontuadas por Onfray (2009), são motivações práticas, também, consideradas. Descolamento, segurança no destino, implicações laborais, estudo de campo e preferências gastronômicas foram algumas das citações encontradas.

D) Cite as maiores facilidades e dificuldades encontradas ao montar seu roteiro de viagem.

As respostas recebidas para esta pergunta variaram entre planejamento auxiliado por buscas através de plataformas e aplicativos como Google Earth e Waze, espontaneamente, e

anotações que antecederiam uma jornada planejada previamente em seus mínimos detalhes, contando com ajuda de terceiros, os quais já haviam concluído tal roteiro com sucesso.

- Facilidades: 1. Aplicativos de Localização; 2. Aplicativos de Transporte, 3. Organização prévia; 4. Companhia na viagem;
- Dificuldades: 1. Perda de tempo entre espera entre conexões; 2. Reputação do local; 3. Diferenças culturais; 4. Comunicação/idioma;



Tabela

	Facilidades	Dificuldades		
Roteiro	4	4		

Tabela 1: Gráfico e Tabela - Roteiros

Durante a montagem de um roteiro de viagem, é inevitável esbarrar nos conceitos de mobilidade e motilidade, os quais, significam, respectivamente, segundo Cachado (2009 *apud* MOURA, 2018, p.23) "foi a análise dos seus movimentos, itinerários e cíclicos que contribuiu para o nascimento de algumas interpretações mais estáveis em Antropologia".

No mesmo trabalho, Moura (2018) cita que Kaufmann (2004), investigador e professor do Laboratório de Sociologia Urbana (LaSUR), da École Polytechnique Fédérale de Lausanne,

Suíça, propôs o conceito de motilidade, que diz respeito ao potencial individual para a mobilidade. Assim, a mobilidade encaixa-se perfeitamente no ato de mover-se, enquanto a motilidade a complementa, apresentando, entre tantas vertentes, maneiras, causas e consequências de tal movimento.

Ao relacionar as respostas recebidas a tais conceitos, entende-se que pessoas e personalidades diferentes, provindas de diferentes locais, tendem a viver e escrever histórias baseadas em tais vivências, bem como considerar seus anseios e expectativas como resultado final de suas viagens, desde a escolha do destino até a finalização da viagem propriamente dita.

E) Você consome produtos e serviços de residentes locais enquanto viaja? / F) Como se comunica com os locais em suas viagens? Como sente que é recebida por eles?

Com base em estudos acerca do Turismo e Identidade Local (Banducci e Barreto 2003), faz-se necessário compreender o desejo humano de pertencimento ao local visitado, bem como a sensação de receber-se bem. A ideia de “resgate cultural”, nos termos em que estudou Grünewald (2003), junto ao povo pataxó, para abordar sobre a mudança cultural que ocorre num espaço social em que acontecem interações geradas a partir da atividade turística (p.128), pode ajudar a pensar acerca do que foi vivenciado através das viajantes, e não implícito diretamente em seus destinos finais, explica a ânsia, revelada pelas três entrevistadas, em entender-se como parte dos locais os quais visitaram.

Revelaram, inclusive, através de suas respostas, que uma das barreiras encontradas em suas viagens foi a comunicação. Enquanto duas delas aprenderam a se comunicar com os locais, falando seu idioma local, uma utilizou-se do inglês para manter uma comunicação universal com a população local.

Apesar das diferenças encontradas, relacionadas à dificuldade de comunicação causada pelos diferentes idiomas, todas as entrevistadas revelam que se sentiram bem recebidas nos locais visitados.

G) As expectativas foram supridas quando comparadas ao que esperava com o que encontrou?

Segundo as respostas apresentadas pelas entrevistadas, as expectativas foram supridas em grande parte das viagens. Exceto a experiência vivida por uma das entrevistadas em sua viagem a Portugal, em que revelou ter experienciado uma situação de racismo.

Segundo Duque (2020), entende-se que discussão teórica-analítica sobre a *passibilidade* indique urgência política no tema, uma vez que o conceito tende a invisibilizar experiências também de raça/cor, classe, sexualidade, entre outras, que não somente de sexo e gênero.

Neste caso, em específico, faz-se possível contextualizar o termo *passabilidade*, prioritariamente relacionado a questões de gênero e cor, como parte importante da interpretação da situação de racismo vivida por uma das entrevistadas, uma vez que, ao (trans)passar por tal situação, a entrevistada revelou, ainda que indiretamente, ter sentido que suas expectativas foram invisibilizadas.

H) E quanto tempo você demorou para escolher o destino e decidir o roteiro?

Ao analisar as respostas dadas pelas entrevistadas, foi possível perceber que o tempo necessário para solidificar a escolha do destino varia conforme as necessidades de cada entrevistada.

"A genealogia de ícones inconscientes úteis para eleger destinos ganha em celebrar o texto, o livro, o romance, o poema, o relato de viagem. Uma mera linha de um autor mesmo que mediano desperta mais o desejo pelo lugar do que do que fotografias, ou mesmo filmes, vídeos ou reportagens." (ONFRAY, 2009, p. 25)

Enquanto uma delas revelou não investir muito tempo na escolha pelo fato de suas motivações de viagem girarem, em sua maioria, em torno de programações educacionais ou laborais, a segunda optou por planejar-se com seis meses de antecedência e a terceira revelou que, por conhecer previamente os locais visitados, não demorou para elaborar o roteiro nem decidir o destino.

Ao analisar tais respostas, foi possível perceber que o tempo para elaboração de seus roteiros, bem como a decisão do local para viagem estão diretamente conectados à motivação e razão da viagem de cada entrevistada. Ao realizar uma viagem a um local em que já se esteve anteriormente, o tempo tende a ser mais curto quando comparado ao tempo que se leva para decidir o roteiro de uma viagem de intercâmbio. Já para viagens a trabalho, o roteiro é,

majoritariamente, montado e decidido por terceiros, o que explica a resposta dada por uma das entrevistadas que viaja por motivações laborais.

D) Você utiliza os serviços das agências de viagens?

Com relação a esta questão, tem-se percebido uma diminuição na utilização de serviços prestados por agências de viagens devido ao desenvolvimento de aplicativos e sites que vendem produtos semelhantes aos oferecidos pelas agências de forma direta ao consumidor final.

Neste caso, segundo as respostas dadas pelas entrevistadas, duas delas já se utilizaram dos serviços das agências apenas uma vez, enquanto a outra diz ter utilizado por mais de uma vez.

J) Você se sentiu segura ao percorrer o caminho entre o local de partida e o destino? / K) Qual foi o maior desafio que você encontrou durante toda a viagem?

Ao analisar as respostas dadas pelas três entrevistadas para esta pergunta, nota-se que duas das entrevistadas revelaram sentir-se inseguras ao percorrer o caminho entre o local de partida e o destino, enquanto uma delas disse sentir-se segura, apesar de entender que mulheres, especialmente negras, possuem suas questões que implicam na sensação de insegurança constante.

Dentre as questões apresentadas que envolvem tal sensação, estão:

horário de saída do local de partida e horário de chegada ao destino; meio de transporte utilizado para deslocamento; exposição externa da figura feminina atrelada ao fato de viajar sozinha ou acompanhada; percepção relacionada a fenótipos específicos que indiquem a internacionalização do ser observado; meio de hospedagem escolhido; ocasiões ou objetos externos que possam provocar a perda total ou parcial da consciência, como por exemplo ingestão de bebidas alcoólicas; acompanhantes escolhidos durante o período de estadia no local e final destino escolhido, o qual, sob a ótica de uma das entrevistadas, a depender do destino escolhido, há maiores possibilidades de tornar-se alvo apenas por tratar-se de mulheres negras.

L) Você realiza viagens nos momentos de lazer e férias ou você possui um calendário mais flexível?

Para esta pergunta, as respostas dadas pelas entrevistadas foi que viajam em momentos de férias, ou quando possível, já que não possuem um calendário de trabalho flexível.

M) Você sentiu medo em algum momento?

Pôde-se perceber que para todas as entrevistadas, há em comum o medo presente em nossos interiores pelo simples fato de sermos mulheres. Segundo Dantielli Garcia e Lucília Sousa (2015), parte desta construção patriarcal do medo em mulheres provém da relação entre a criação de meninos e meninas desde a infância.

"[...] há uma página que mostra a diferença na educação de meninos e meninas: Essa diferenciação está sustentada em uma memória estabilizada na sociedade em relação ao homem e à mulher. A ela, o espaço privado, ou seja, o lar; a ele, o espaço público." (GARCIA e SOUSA, 2015, p. 1001)

Entende-se, inclusive, através da fala de uma das entrevistadas, que o medo é resultado de questões de gênero acima das questões raciais, entretanto, o colorismo é um agravante que coloca corpos femininos negros como alvo do medo com maior facilidade. Logo, foi possível notar, com base nos conceitos de Sororidade e Dororidade que esta é uma dor compartilhada entre as três entrevistadas.

N) Você conseguiu aproveitar a cultura e a gastronomia local? / O) Como lidou com as diferenças culturais? / P) E você sente que você foi influenciada pelo local?

Todas as entrevistadas não apenas conseguiram aproveitar a viagem em seu viés cultural, como revelaram ter aberto suas mentes para novas experiências relacionadas à gastronomia.

Utilizaram-se das diferenças culturais como base para agregar conhecimento ao todo, cuidando para não ferir ou agredir, de certa forma, a autenticidade dos locais.

Deixar-se influenciar pelo local, em suma, refere-se ao poder de abraçar o novo, o diferente, o desconhecido.

Q) Como foi a volta para casa?

Interessante como mostrou-se presente entre duas das três entrevistadas o paradoxo sobre a volta ser, ao mesmo tempo, a melhor e a pior parte da viagem. Apesar da imersão em novas e diferentes culturas, do banho de conhecimento e novas experiências adquiridas, nota-se que ainda é levada em consideração a importância do retorno ao lar, ao pertencimento, ao conhecido.

Compreende-se também a normativa condizente a comparações entre ir e vir, uma vez que, diante da fala de uma das entrevistadas, é possível notar que o ser humano ao viajar entende-se como parte integrante de um todo que antes não lhe pertencia, provocando, muitas vezes, mudanças visíveis em si mesmos, provenientes de experiências e vivências oferecidas pelas viagens realizadas.

R) Por que você sentiu a necessidade de compartilhar essas experiências nas suas redes sociais?

As entrevistadas revelaram que a vontade de compartilhar suas experiências em redes sociais surgiu do intuito de mostrar a capacidade de alcance relacionada ao poder de viajar.

Voltadas a suas formações profissionais, uma publicitária e uma jornalista, enxergaram na oportunidade de compartilhamento de experiências uma chance de se reencontrarem com suas origens acadêmicas, bem como considerar o exercício como uma espécie de cura terapêutica às dores do dia-a-dia.

S) Você conheceu ou conhece outras mulheres negras que também viajam sozinhas?

Todas as entrevistadas conhecem mulheres negras que viajam, sozinhas ou acompanhadas.

Entende-se que o fato de existir demanda para tal movimentação implicou no desenvolvimento e criação do coletivo "Bitonga Travel". Idealizado por Rebecca Aletheia, o projeto conta com, pelo menos, quatorze influenciadoras negras, e viajantes, que reuniram-se com o intuito de discutir e evidenciar o papel da mulher negra viajante no espaço turístico.

"O Bitonga Travel reforça a importância de viajar não apenas se deslocando para o exterior, mas buscando vivências na própria região como o centro da cidade onde se vive e compartilhando experiências para inspirar outras

mulheres negras que não se sentem representadas nas mídias, a viajarem." (BRASIL, Palmares Fundação Cultural, 2019).

Há, então, a compreensão de que para empoderar mulheres negras que viajam, é preciso visibilizar. Ao permitir-se o compartilhamento de experiências e reiterar a importância de tais movimentações, enfoca-se a relevância que estas experiências podem acarretar em vidas de outras mulheres negras viajantes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ressalta a importância de estudos mais abrangentes e sensíveis à diversidade nas experiências de viagem das mulheres, buscando uma compreensão significativa do papel do turismo em suas vidas. O foco em mulheres negras, que vivenciam realidades distintas, enriquece o campo do turismo e estimula a busca por representação justa e inclusiva em futuras pesquisas.

Em síntese, a pesquisa revela que as motivações das mulheres para viajar abrangem diversas esferas, incluindo turismo, lazer, responsabilidades acadêmicas e profissionais. As entrevistas destacaram os benefícios que o turismo proporciona em suas vidas. No entanto, é relevante questionar como essa atividade é tratada na literatura e ciência.

A compreensão das experiências de viagem das mulheres, especialmente das mulheres negras, é essencial para uma abordagem acadêmica mais inclusiva e representativa. Suas motivações variadas refletem a riqueza e complexidade de suas vivências, exigindo uma análise abrangente que considere as múltiplas facetas do turismo em suas trajetórias.

Os conceitos considerados ao realizar esta pesquisa podem ser facilmente ligados uns aos outros. O entendimento da abordagem do Empoderamento Feminino Negro como a não hierarquização das opressões mostra uma ligação ao conceito de Dororidade. Portanto, pode-se considerar que a Dororidade seja uma consequência da exclusão imposta pela Sororidade quando falamos sobre Empoderamento Feminino.

Passabilidade, como um conceito atrelado, neste caso específico, ao colorismo, demonstra que ainda inserido no contexto de Empoderamento Feminino Negro, existem nuances que transformam as dores em cicatrizes ainda mais marcantes. Entretanto, a criação de projetos como o "*Bitonga Travel*" nasce, e com ele, renasce a esperança de que possamos intervir experiências e torná-las compreendidas e acessíveis entre todas nós.

Nunca foi fácil colocar em palavras as dores e sensações provocadas pelo fato de ser e conviver com mulheres negras e, neste caso específico, viajantes. Dói. Isso porque, de certa forma, faz-se necessária a investigação profunda e metódica de histórias que, sem sombra de dúvidas, mesmo antes do início da pesquisa, se apresentariam cheias de idas, vindas, voltas e reviravoltas. Felizes, ou nem tanto assim.

Considero o quanto pode ser amplo e enriquecedor o campo de pesquisa relacionado às movimentações e motivações daquelas que frequentemente são silenciadas. Além disso, essa pesquisa pessoalmente demonstra a necessidade premente de dar voz às experiências de minorias como parte integrante dos estudos acadêmicos, mesmo reconhecendo que esta pesquisa também foi conduzida para aqueles que não tiveram a oportunidade de alcançar o mesmo nível de instrução educacional equivalente ao poder de suas histórias de vida.

Os resultados apresentados por esta pesquisa mostram a diversidade entre razões de viagem, as quais podem ser entendidas como educacionais, laborais ou com o intuito de descansar o corpo de situações vividas diariamente, bem como decisões tomadas baseadas em permitir-se.

Assim, permitam-me avaliar essas reflexões como iniciais. Este é apenas o começo. Vocês percebem? Estamos iniciando a narrativa das histórias das mulheres negras que viajam. Começamos a direcionar nosso olhar para um espaço que existe, habitado por muitas, mas que há muito necessita de reconhecimento. Estamos desfazendo as amarras que nos impedem de nos movimentar, simplesmente porque desejamos fazê-lo. Isso é livre arbítrio. Isso é liberdade. Este trabalho é sobre o poder de ser protagonista. Porque podemos!

REFERÊNCIAS

AITHAL, V. 'Empowerment and Global Action for Women: Theory and Practice'. Working Papers, Kvinnforsk, University of Tromsø, 1999.

BANDUCCI A. e BARRETO M. "Turismo e identidade local - uma visão antropológica. Curitiba, 2003.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo: fatos e mitos. Paris, 1970.

BERTH, J. O que é empoderamento?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL, Palmares Fundação Cultural, 27 de fevereiro de 2019, disponível em <<https://www.palmares.gov.br/?p=53513>>. Acesso em 01/09/2023

CAMPOS, M. F. H. Visões do Brasil: representações femininas nos relatos de viajantes. XIV EHA - Encontro de História da Arte — UNICAMP. Campinas, 2019.

CATTANEO, L. B.; CHAPMAN, A. R. The process of empowerment: A model for use in research and practice. American Psychological Association, 65(7), 646–659. <https://doi.org/10.1037/a0018854>, 2010.

CATTANEO, L. B.; GOODMAN L. A. What is empowerment anyway? A model for domestic violence practice, research, and evaluation. Psychology of Violence. 5(1), 84-94, 2015.

CORNWALL, A. Women's empowerment: What works? Journal of International Development, 28, 342-359. <https://doi.org/10.1002/jid.3210>, 2016.

CRYIL, S. S. B. J.; RENZANO, A. M. N.. Systematic review of empowerment measures in health promotion. Health Promotion International, 31, 809-826. <https://doi.org/10.1093/heapro/dav059>, 2016.

CRUZ, M. H. S. Empoderamento das mulheres. Inclusão Social, [S. l.], v. 11, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4248>. Acesso em: 1 set. 2023.

CORREIA, E. Itinerários de mulheres negras na antropologia: pensando viagens com Zora Hurston e Lélia Gonzalez. Ayé Revista de Antropologia: Dossiê as contribuições de intelectuais negras para as ciências humanas e sociais v.03, nº1, 2021.

- DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. Nova York, 1981 (Tradução: Candiani, Heci, 2016).
- DE PONTES, J. C.; DA SILVA, C. G. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 8, p. 396-417, 2017.
- DEVULSKY, A. Colorismo. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021. Coleção Feminismos Plurais.
- DUQUE T. A epistemologia da passabilidade: dez notas analíticas sobre experiências de (in)visibilidade trans. *Hist. R.*, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 32–50, set./dez. 2020.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira, In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- GARCIA D. A.; SOUSA L. M. A. A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, São Paulo, 44 (3): p. 991-1008, set.-dez. 2015.
- GRUNENWALD R. Turismo e Etnicidade. *Artigos • Horiz. antropol.* 9 (20) • Out 2003 • <https://doi.org/10.1590/S0104-71832003000200008>.
- LETRAS, Academia Brasileira De. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/empoderamento>>, acesso em 30 de agosto de 2023.
- LETRAS, Academia Brasileira De. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade>>, acesso em 30 de agosto de 2023.
- MARTINS H. H. T. de S.. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004 289 *
- MOURA, D. G. Mobilidade: o percurso do conceito e sua aproximação à comunicação. In E. Araújo, R. Ribeiro, P. Andrade & R. Costa (Eds.), *Viver em|a mobilidade: rumo a novas culturas de tempo, espaço e distância*. Livro de atas (pp. 22-35). Braga: CECS., 2008
- OLIVEIRA, N.; DA SILVA, P.; ALMEIDA, H. Mulheres negras viajantes: experiências e relatos de um grupo de Facebook. *Caderno Virtual de Turismo*, 2022, vol. 22, núm. 1, ISSN: 1677-6976
- ONFRAY, M. Teoria da Viagem - uma poética da Geografia. Lisboa, Editora Quetzal, 2009.
- PIEIDADE, V. Dororidade. São Paulo, Editora Nós, 2017.
- RIBEIRO, D. Lugar de Fala - Feminismos Plurais. São Paulo, Sueli Carneiro, Editora Pólen, 2019.

ROSEMBERG, F. Discriminações ético-raciais na literatura infanto-juvenil brasileira. RIBEIRO, J.H. (org.) Revista Brasileira de Biblioteconomia. São Paulo, v. 12, n.3, n.4, p. 155-166, jul/dez. 1979.

SANTOS, J.; SÁ, N. A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in)visibilidade no turismo. Revista de Turismo Contemporâneo, Natal, v. 9, n. 2, p. 252-269, maio/ago. 2021.

SARDENBERG, C. M. B. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista, Neim/UFBA, 2010.

SARDENBERG, C. M. B. Conceituando empoderamento na perspectiva feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES, 1., 2006, Salvador. Anais [...]. Salvador: UFBA.

SILVA, C.; MARTÍNEZ, M. L. Empoderamiento: proceso, nivel y contexto. Psykhe, Santiago/Chile, v. 13, n. 1, p. 29-39, mai. 2004.

SOUZA, C. Mulheres viajantes: a sororidade no turismo impulsionada pelas redes sociais. Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba. Sorocaba, 2021.

TELLES, E. Início no Brasil e fim nos EUA?, Estudos Feministas, IFCS/UFRJ-PPCIS/UERJ, vol. 4 (1): 194-201, Rio de Janeiro, 1996.

TRIGO, L. G. G. Entretenimento, uma crítica aberta. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2003.

URRY, J. 2007. Mobilities. Cambridge: Polity Press

VASCONCELLOS, E. M. O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teoria e estratégias. São Paulo: Paulus, 2003.

WALLERSTEIN, N. What is the evidence on effectiveness of empowerment to improve health? Copenhagen, WHO Regional Office for Europe, 2006. (Health Evidence Network report). https://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0010/74656/E88086.pdf

APÊNDICE A

- A. Quais os motivos que te levam a viajar (sozinha)?
- B. Ao escolher o destino, o que você leva em consideração?
- C. Para onde viajou e o que mais te chamou atenção no local escolhido?
- D. Cite as maiores facilidades e dificuldades encontradas ao montar seu roteiro de viagem.
- E. Você consome produtos e serviços de residentes locais enquanto viaja?
- F. Como se comunica com os locais em suas viagens? Como sente que é recebida por eles?
- G. As expectativas foram supridas quando comparadas ao que esperava e o que encontrou?
- H. Quanto tempo demorou para escolher o destino e decidir o roteiro?
- I. Você utiliza os serviços das agências de viagens?
- J. Se sente segura ao percorrer o caminho entre o local de partida e o destino?
- K. Qual foi o maior desafio que encontrou durante toda a viagem?
- L. Realiza viagens nos momentos de lazer e férias ou possui um calendário flexível?
- M. Por viajar sozinha, sentiu medo em algum momento?
- N. Conseguiu aproveitar a cultura e gastronomia locais? O que mais gostou e o que menos gostou?
- O. Como lidou com as diferenças culturais?
- P. Sente que foi influenciada pelo local? Por que?
- Q. Como foi a volta para casa?
- R. Por que sentiu necessidade em compartilhar esta experiência nas redes sociais?
- S. Conheceu outras mulheres negras que também viajam sozinhas? Em caso de resposta negativa, justifique-a.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE CIÊNCIAS DE
HUMANAS E BIOLÓGICAS (CCHB)

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução CNS 510/2016)

MULHERES NEGRAS VIAJANTES: PROTAGONISTAS DE SUAS PRÓPRIAS VIAGENS CONTADAS ATRAVÉS DE PLATAFORMAS DIGITAIS.:

Eu, Denise Aparecida Genésio, estudante do Curso de Turismo da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar a (o) convido a participar da entrevista referente à pesquisa intitulada: *MULHERES NEGRAS VIAJANTES: PROTAGONISTAS DE SUAS PRÓPRIAS VIAGENS CONTADAS ATRAVÉS DE PLATAFORMAS DIGITAIS.* orientada pela Profa. Dra. Vanda Aparecida da Silva.

Resumo do projeto:

A pesquisa consiste em analisar as experiências de viagem vivenciadas por mulheres negras, bem como assimilar tais experiências ao seu compartilhamento através de redes sociais e canais de comunicação online (Instagram e Youtube). Pretende-se, também, compará-las, com o intuito de identificar e compreender motivações, movimentações e consequências relacionadas à realização destas viagens. Ressalta-se, ademais, que o enfoque da análise para esta pesquisa transcorre a partir das informações proporcionadas pelas entrevistadas através das entrevistas que serão, por mim, realizadas.

A entrevista será individual e realizada em formato não presencial, com a utilização de plataforma virtual - *Zoom* – modalidade de videoconferência, com o envio do código da reunião

no e-mail da (do) participante, cujo link para política de privacidade é o <https://explore.zoom.us/pt/acceptable-use-guidelines/>. As entrevistas serão focalizadas no tocante ao objeto de pesquisa, sendo livre e voluntária toda a participação.

A entrevista pretende percorrer a trajetória de viagem da (do) entrevistada (o), as dificuldades vivenciadas durante a preparação, deslocamento e realização das viagens, bem como retorno ao local de origem.

Serão garantidas pausas nas entrevistas e a liberdade de recusar ou quando a considerarem constrangedoras, sob qualquer motivo e sem a necessidade justificção para tal, inclusive a liberalidade de interromper a entrevista a qualquer momento e a sua desistência, não havendo penalização para tal ato. Caso seja solicitada a desistência de participação, ainda que esteja iniciando a entrevista, basta manifestar sua intenção que será prontamente atendida, e no caso da entrevista estar agendada, o envio de e-mail solicitando a desistência é o suficiente.

O ambiente virtual, ainda que se mostre seguro, pode vir a ser alvo de "hackers" e, conseqüentemente, causar dano imaterial à imagem da (do) participante. Assim, como forma de prevenir possíveis "ataques", as entrevistas por intermédio da plataforma *Zoom* serão realizadas através do código da reunião, disponibilizadas previamente no e-mail do participante. A pesquisadora ficará atenta e zelosa deste risco, buscando evitá-lo através de procedimentos como limpar o histórico do navegador, usar o modo "anônimo" ao acessar a internet para a situação de entrevista remota, entre outros.

Caso haja a ocorrência de qualquer dano à imagem do (a) participante, há existência legal de garantia de ressarcimento e cobertura das despesas, pelo tempo que for necessário, ainda que a entrevista seja realizada remotamente.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. No entanto, se houver autorização para a identificação da entrevistada estaremos considerando. Caso haja menção a nomes de terceiros, a eles serão atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação, garantindo sigilo a todos que forem citados na entrevista, sem distinção. Apesar de toda a garantia da segurança das informações prestadas pelos participantes, há limitações para assegurar a total confidencialidade de possíveis violações, diante da limitação tecnológica da pesquisadora. Além disso, a (o) participante deve estar ciente que existe a possibilidade de riscos derivados de qualquer acesso à internet, e que como forma de minimização dos riscos, assegura-se ao participante que as informações só serão enviadas pelo contato eletrônico da pesquisadora, e que as informações não fornecidas pela pesquisadora não serão acessadas, como por exemplo, endereço de *ip*.

A entrevista terá em média 45 minutos e pode sofrer variações a depender da conexão de internet, pausas pela entrevistada e/ou pesquisadoras ou imprevistos.

Solicito sua autorização para gravação da videoconferência das entrevistas. As gravações realizadas durante a entrevista serão transcritas pela pesquisadora, garantindo que se mantenha o mais fidedigno possível. Depois de transcrita será apresentada à participante para validação das informações, o material da entrevista será guardado pelo prazo de 2 (dois) anos em HD externo, no formato “mp4”.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. Você receberá uma via deste termo (via e-mail), no corpo do texto, a qual deverá preencher com suas informações (no próprio corpo do texto do e-mail) e, na sequência, encaminhar a resposta à pesquisadora. Há total liberdade em salvar o arquivo a fim de guardar o registro de seu consentimento ou optar em ter o acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área do turismo.

Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró Reitoria de pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (Área Sul do *Campus* São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís Km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-Sp. Telefone: (16) 3351-9685. *e-mail*: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30. O CEP está vinculado à Comissão Nacional De Ética Em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional De Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/CONEP.

A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS (Conselho Nacional de Saúde), também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, via W5 norte, Lote D - Edifício nº 700, 3º andar - asa norte - CEP: 70719-040 - Brasília - DF. Telefone: (61) 3315- 5877, *e-mail*: conep@saude.gov.br.

Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Denise Aparecida Genésio

Endereço: Rua Shiro Abe, 71. Nova Olinda, Piedade - SP

Contato telefônico: (11) 99311-2141, *e-mail*: denisegenesio@estudante.ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do pesquisador

assinatura do entrevistado